

Eco de novembro e dezembro de 2009

cobertura

Ano jubilar

350° aniversário

da morte

dos Fundadores

Sumário

- Vida espiritual
- 394 Carta de 26 de novembro de 2009
À todas as Filhas da Caridade
Irmã Evelyne Franc, Superiora geral
- 396 Advento 2009
A todos os membros da Família Vicentina
Padre Grégory Gay, Superior geral
- 402 Pista para o dia de reflexão e de oração mensal
“*Eterna é a fidelidade do Senhor*” (SI 116, 2)
Padre Javier Alvarez, Diretor geral
- Atualidades das Províncias
- Nomeações
- 412 Nomeação das Visitadoras e dos Diretores provinciais
- Visita dos Superiores
- 414 Por ocasião do 90° aniversário da Província da Eslovênia
Visita de Mère Evelyne Franc e de Irmã Zofia Daniscakova,
Conselheira geral.
Irmã Cveta Jost, Correspondente dos Ecos
- 416 Por ocasião do 170° aniversário da presença das Filhas da Caridade na Turquia,
Visita de Mère Evelyne Franc e de Irmã Françoise Petit, Conselheira geral.
As Irmãs da Turquia

Testemunho das Irmãs

- 420 Província da Índia do Norte
A casa Santa Catarina a Raikia, no meio das rebeliões de Kandhamal
Das Irmãs da Província
- 424 Províncias da Itália
SOS da terra de Abruzzes, a família vicentina responde
Irmã Maddalena Castrica, Filha da Caridade
- 429 Encontro internacional da Associação da Medalha milagrosa
Casa Mãe das Filhas da Caridade, 15-20 de novembro de 2009
Padre Enrique Rivas, cm, Sub-Diretor internacional da AMM.

Notícias breves

- 432 * Por ocasião do falecimento de Irmã Vittoria Camiolo, Filha da Caridade
* Por ocasião da visita do Diretor geral na Região da Albânia

História da Companhia

Preparação do ano jubilar do 350º aniversário da morte dos Fundadores

- 433 Santa Luísa de Marillac
Século XX: História, memória, meditação (continuação)
Irmã Claire Herrmann, Serviço dos Arquivos
- 442 Influência mútua de Vicente e de Luísa na fundação da Companhia das Filhas da Caridade
Padre Benito Martinez, cm
- 453 Índice das matérias

MÈRE EVELYNE FRANC, SUPERIORA GERAL

Carta de 26 de novembro de 2009

À todas as Filhas da Caridade

Minhas queridas Irmãs,

A graça de Nosso Senhor Jesus Cristo esteja sempre conosco!

Esta pequena mensagem tem por finalidade, antes de tudo, desejar-lhes uma santa festa de Nossa Senhora da Medalha Milagrosa e de Santa Catarina, um feliz aniversário da fundação de nossa Companhia e um Advento de graça com Maria, para “preparar-nos a ir ao encontro do Salvador que vem, vigilantes na oração e cheias de júbilo” (cf. Marialis Cultus 4). Quero também aproveitar esta oportunidade para partilhar com vocês algumas notícias de família.

Certamente, todas vocês acompanharam as reportagens sobre as catástrofes naturais que atingiram, estes últimos meses, a Indonésia, as Filipinas, a América Central, menciono aqui somente as Províncias mais prejudicadas. Em todas as vezes, nossas Irmãs se mobilizaram para socorrer os feridos, alimentar os famintos,

consolar os aflitos. Elas foram confortadas pelo apoio espiritual e material recebidos da parte da “Companhia sem fronteiras”. Continuemos rezando pelas populações atingidas. Embora tão provadas, elas são admiráveis pela coragem de reconstruir, recomeçar...

Na semana passada, o Conselho geral realizou o seu segundo Conselho especial, entre outros assuntos, dedicou uma reflexão sobre os futuros encontros internacionais de formação, respondendo assim, aos desejos expressos pela Assembleia geral. Durante uma das reuniões, Irmã Germaine Price apresentou um relatório sobre as atividades que ela realiza com sua equipe nas Comissões da ONU. Ela nos explicou o quanto as respostas enviadas por várias Províncias à enquête sobre a reinserção das pessoas marginalizadas foram apreciadas. Com efeito, estas respostas refletiam o conhecimento que vocês têm da realidade e trouxeram sugestões bem concretas para remediar as dificuldades desta reinserção. Que possamos continuar tecendo esta rede de comunicação entre nós; isto completa o serviço corporal e espiritual que prestamos nos quatro cantos do mundo, em colaboração com tantos homens e mulheres de boa vontade. Contribui também para pôr em evidência as injustiças flagrantes, presentes em nossas sociedades.

Estamos unidas para celebrar nosso tríduo comunitário, para agradecer a Virgem Maria por ter dado ao mundo, por intermediário de uma Filha da Caridade, a mensagem da medalha; mensagem que dá continuidade a devoção de Santa Luísa ao Senhor da Caridade e a confiança que pôs em Maria de velar sobre a pequena Companhia. Neste ano jubilar, em que recordamos o 350º aniversário da morte de São Vicente e de Santa Luísa, não é este, um tempo privilegiado para refletir mais intensamente em nossas raízes vicentinas e na herança espiritual legada por nossos fundadores? Esta não é uma ocasião propícia para abrir, lá onde estamos, uma nova pista a serviço dos pobres, uma pista que talvez não tenha ainda sinalização ou esteja traçada incorretamente? Este acontecimento comunitário deve nos impulsionar igualmente a convidar as crianças e os jovens a se comprometerem numa atividade vicentina em favor dos mais necessitados.

Entremos com fervor no Advento, tempo de preparação para o acolhimento do mistério, tempo de esperança silenciosa antes da manifestação da alegria. Contemplemos Maria, a jovem simples de Nazaré, cheia de confiança na Palavra de Deus que a habita e a trabalha, toda centrada sobre o que vai acontecer e, no entanto, disponível às necessidades dos outros. Tomemo-la como guia e, com ela, deixemo-nos transformar pelo Espírito!

Com minha dedicada afeição e a certeza de minha oração nas intenções de cada uma de vocês,

Irmã Evelyne FRANC
Filha da Caridade

PADRE G. GAY, SUPERIOR GERAL

Advento 2009

A todos os membros da Família Vicentina

Queridas Irmãs e Irmãos,

Que a graça e a paz de Nosso Senhor Jesus Cristo permaneçam em seus corações agora e sempre!

Na época em que, eu era diretor do Seminário interno no Panamá e, ao mesmo tempo, pároco da paróquia onde se encontrava o Seminário interno, um coirmão e eu, tínhamos feito uma programação especial durante o Advento com a intenção de purificar o sentido do Natal. Tratava-se de uma campanha contra o personagem do Papai Noel, em favor do El Niño Dios, o Menino Deus. Conduzimos esta campanha durante todo o tempo do Advento e, então, tínhamos pensado numa ação simbólica para purificar o sentido do Natal durante o rito penitencial da vigília de Natal.

Esta ação pastoral de meu coirmão e minha, foi provocada pela constatação de uma mudança sutil, que se efetuava a nível de nosso meio de engajamento pastoral. Logo no começo, quando eu cheguei ao Panamá, a experiência de Natal se focalizava sempre sobre o nascimento do Menino Jesus, El Niño Dios. A encarnação de Deus em nossa humanidade tinha um aspecto religioso claro. Pouco a pouco, no decorrer dos anos, e com a ajuda de poderosas técnicas de comercialização, (marketing), o conceito de Natal começou a ser substituído, lentamente, por representações comerciais de Natal com o Papai Noel, em todas as lojas e, era até mesmo, oferecido como presente às pessoas a fim de colocá-lo como decoração de Natal em seus lares, na entrada de suas casas. Era triste ver como, de uma maneira tão sutil e astuciosa, o verdadeiro sentido de Natal estava sendo substituído por um estímulo premente às pessoas para fazê-las entrar numa sociedade de consumo.

Gostaria de chamar a atenção sobre esta festa de Natal, mais particularmente durante este Advento, como um tempo de voltar ao seu verdadeiro sentido do Natal e purificar as nossas atitudes em relação à nossa identidade durante este forte tempo litúrgico de nossa fé cristã. Trata-se do nascimento de Deus em nossa vida, através da pessoa do Menino Deus, Jesus, um aspecto tão importante na espiritualidade de São Vicente de Paulo, Deus que se fez carne, que se uniu à nossa humanidade a fim de que nos tornemos como Deus em nossas relações uns com os outros, mais particularmente, com os pobres.

Durante este tempo do Advento, gostaria que nós pensássemos e refletíssemos sobre um aspecto particular e muito importante da festa do Natal, a fim de compreender o nascimento de Nosso Senhor Jesus como a vinda da paz e da harmonia ao mundo. Ele é o Príncipe da Paz, como nós o contemplamos nas Sagradas Escrituras, ao longo deste tempo do Advento e do Natal. É a situação atual do mundo no qual vivemos que me levou a aprofundar e desejar que nós refletíssemos sobre o tema da paz.

Observamos à nossa volta, em cada canto do globo, situações destrutivas, de guerras entre nações, violência entre povos, violência das gangues nos bairros, e até mesmo nos lares, violência doméstica. Neste clima de violência do mundo no qual vivemos, existe uma busca, um combate, uma angústia em viver em maior segurança. Acontece que sempre, tenta-se conseguir a “segurança”, produzindo mais armas e um maior poder de destruição sobre o inimigo. Desta maneira, a segurança organizada fará apenas gerar mais angústia. Isto não é segurança.

Muitas pessoas afirmam, que depois da experiência de 11 de setembro nos Estados Unidos, nós vivemos num mundo que procura sua própria segurança a tal ponto que nos tornamos inconscientes ou até mesmo indiferentes à garantia de uma paz verdadeira para aqueles que estão fora de nosso círculo. Queremos proteger os nossos, fechando-nos em nós mesmos. Queremos aproximar-nos do que é conhecido e, até mesmo, do que nós consideramos como nossa morada, dando-nos uma ilusão de segurança.

A atitude de consumo que se desliza em todos os níveis de nossa aldeia global é acentuada durante o tempo do Natal. Enfrentamos o desafio de nos voltarmos ao Príncipe da Paz que, pelo anúncio do Reino de seu Pai, nos convida a ter atitudes que conduzem à verdadeira harmonia e às boas relações entre todos os povos.

Gostaria de propor um ponto concreto para a nossa reflexão que se refere à promoção da paz e da harmonia no mundo, que se manifesta, primeiramente, através de uma verdadeira preocupação pelas necessidades dos outros.

Na perspectiva da celebração do 350º aniversário da morte de Santa Luísa e de São Vicente em 2010, os responsáveis internacionais pela Família Vicentina criaram um Comitê de projetos, com o objetivo de promover uma iniciativa específica, em favor dos mais pobres entre os pobres, iniciativa que implicaria todos os ramos da Família. Entre as opções sugeridas, os responsáveis escolheram um projeto piloto no campo do microcrédito em Haiti. Um projeto de microcrédito, combinado com programas educativos e serviços sociais, comprovou ser um instrumento eficaz, para melhorar as condições de vida de numerosas pessoas que vivem na pobreza. Prevê-se que este projeto piloto possa servir de modelo aplicável para outros lugares.

Encorajo cada um de nós durante este período de Natal, particularmente, quando pensarmos em dar algo de nós mesmos aos outros como presente, a fazê-lo de modo a romper com as atitudes de consumidor, que com frequência, estão profundamente enraizadas em nossas vidas, das quais talvez, não estejamos conscientes, que podem conduzir seguidamente a tipos de comportamento diferenciado entre aqueles que

possuem e aqueles que não possuem, e que causam divisões ao invés de promover a harmonia entre os povos. São atitudes negativas impulsionadas ao extremo que geram a violência e a destruição, que nós constatamos em nosso mundo de hoje. A maior parte do tempo, a violência é provocada pelo próprio fato de que as pessoas não conseguem satisfazer suas necessidades básicas. Elas caem na armadilha da violência a fim de garantir-se uma vida melhor.

Durante este tempo do Advento, como Família Vicentina, pensemos numa mudança de atitude a fim de passar da submissão à uma sociedade de consumo ao dom de nós mesmos ou à um tipo de dom diferente feito àqueles que estão em necessidade, como maneira concreta de favorecer a harmonia e a paz.

Proponho-lhes um segundo ponto para a nossa reflexão que se refere à promoção da paz. Durante estes dias que precedem o tempo do Advento, o Conselho Internacional de Pax Christi pediu-nos para visitar nossa Cúria em Roma. Cordialmente, criamos o espaço de diálogo e o momento oportuno para acolhê-lo. Nesta reunião, estavam presentes um de meus Assistentes, uma Filha da Caridade que trabalha na Cúria e um Coirmão que está muito engajado no campo das atividades de Justiça e Paz nas quais queremos tomar parte e promover como Família Vicentina Internacional. Penso que nos seria bom, examinar e refletir sobre a possibilidade de estar em contato com um movimento internacional como Pax Christi.

Pax Christi nasceu no final da Segunda Guerra Mundial, quando um grupo de franceses e alemães se reuniram para rezar juntos, buscar a reconciliação e trabalhar em vista de um novo começo na paz, depois de anos de conflitos dolorosos. Este mesmo espírito continua inspirando o movimento internacional Pax Christi hoje, reunindo pessoas comuns vindas de diferentes classes e culturas, que refletem e agem, a partir de uma visão sagrada da paz, reconciliação e justiça para todos. Num mundo marcado pela violência, o terrorismo, as desigualdades crescentes e uma insegurança em escala mundial, esta visão é mais do que nunca necessária.

Permitam-me partilhar com vocês, um pouco mais sobre Pax Christi em vista de sua reflexão pessoal. Pax Christi é um agrupamento católico, de âmbito mundial pela paz. Alguns organismos, membros da rede Pax Christi, se desenvolveram a partir de origens diversas e sob um nome diferente. Mas, todos partilham a convicção de que a paz é possível e que os ciclos viciosos da violência e da injustiça podem ser quebrados. Como grupo baseado na fé, Pax Christi Internacional procura ter uma influência de transformação, fazendo da religião, uma força sem equívocos pela paz e a justiça. Pax Christi é católico por sua origem e tradição, e está muito engajado na colaboração com outras tradições religiosas e com todos aqueles que partilham seus objetivos.

Trabalhar pela paz implica trabalhar contra a violência e Pax Christi Internacional, busca as causas que geram a violência. Concede a prioridade aos meios não violentos, a fim de resolver os conflitos e isto inclui, reforçar as bases de uma sociedade pacífica: direitos humanos, democracia e o estado de direito. Favorece a educação à paz, o trabalho com a juventude, a formação na área da promoção da paz, a mediação e a ação não violenta. Trabalha para criar uma cultura de paz e ajuda as pessoas em sua caminhada para a reconciliação e aos dias vindouros de esperança.

O que podemos fazer? Sugiro, meus Irmãos e Irmãs, que como Família Vicentina, encontremos em nossa vida diária e em nosso serviço dos pobres, os meios para aprofundar o nosso compromisso pela justiça e a paz. Sei que já o fazemos, mas a celebração do Natal nos oferece a ocasião especial de renovar a nossa resposta. Este deveria ser o primeiro compromisso de toda pessoa que vive o carisma de São Vicente de Paulo, ele que tanto buscou a harmonia e a paz, particularmente para os pobres, frequentemente vítimas da violência, da destruição e da guerra. Podemos apoiar o trabalho de Pax Christi por nossa própria ação e oração, nossas publicações, como estou fazendo nesta carta do tempo do Advento. Esta organização acolhe voluntariamente, ajuda financeira, para na medida de suas possibilidades, erradicar a violência e estimular uma cultura de paz tão necessária em nosso mundo atual.

Meus Irmãos e minhas Irmãs, já que começamos este tempo do Advento, refletindo sobre o verdadeiro sentido do Natal, aí entremos, sendo promotores da paz, especialmente numa sociedade conduzida à violência, sociedade que é sempre desafiada por um mundo egoísta, materialista, submissa ao consumismo, que gera mais a divisão do que a harmonia. Reflitamos sobre o verdadeiro significado do Natal, o nascimento de Nosso Senhor Jesus e deixemos de lado as outras imagens que nosso mundo criou e que têm como objetivo satisfazer nossas próprias necessidades pessoais e materialistas e nos desviam da preocupação de dar aos outros.

Como Família Vicentina, colocamos em contato pessoas de classes e culturas diferentes e agimos a partir de nossa visão comum de paz, de reconciliação e de justiça para todos. Algo que está no centro de nossa espiritualidade.

Como São Vicente de Paulo disse: *“Peçam à sua divina bondade que dê à Companhia o espírito de união, pois fomos estabelecidos para reconciliar as almas com Deus, e os homens com os homens”* (Coste XI, p. 6).

Seu irmão em São Vicente,

G. Gregory GAY, cm.
Superior geral

PADRE JAVIER ALVAREZ, DIRETOR GERAL

Pista para o dia de reflexão e de oração mensal

“Eterna é a fidelidade do Senhor”
(Sl 116, 2).

Hoje em dia, a fidelidade não é mais um valor social em alta, como acontecia antigamente. As mudanças rápidas e profundas no campo do pensamento e da pesquisa incontrolada em busca de novidades em todas as áreas da vida, colocam em questão o sentido da fidelidade. Esta não é mais considerada como um grande valor respeitado por todos, sobretudo no Ocidente, onde se torna cada vez mais frequente, romper com os compromissos, importantes ou não, achando que tudo é normal. As pessoas se acostumam com esta cultura que joga fora tudo depois de ter consumido, e isto acontece, até mesmo nas experiências e opções de vida mais decisivas.

Neste contexto cultural onde tudo parece provisório, vivemos nossa fidelidade à vocação vicentina. Por isso, muitas perguntas nos vêm à mente: hoje, ainda é possível viver a fidelidade? O que significa ser fiel à vocação recebida de Deus? Como viver e crescer na fidelidade? A primeira resposta que nos vem espontaneamente é a perseverança, isto é, manter-se na vocação, viver na Companhia até a morte. Mas a fidelidade tem também outros aspectos, como por exemplo: combater a rotina mantendo viva a vocação; viver com entusiasmo os compromissos do serviço; não se deixar levar por uma vida aburguesada e pouco exigente... Tudo isto pode estar contido na expressão “fidelidade criativa e audaciosa”. Para São Vicente, a fidelidade significa, antes de tudo, a constância e a perseverança na vocação. Nas conferências de 22 de setembro de 1647 e de 3 de junho de 1653 às primeiras Irmãs, podemos ver isto bem claro. No entanto, na de 4 de março de 1658, ele destaca outro aspecto da fidelidade: *“Mas há tantos anos que estou na Companhia? Não é o número de anos que torna uma Irmã digna do tão honroso nome de Filha da Caridade, mas o estar revestida interiormente do hábito da caridade para com Deus e para com o próximo. Isto é o que na realidade constitui a Filha da Caridade”*¹.

AS BASES DA FIDELIDADE

A Sagrada Escritura descreve a relação de Deus com o seu povo. Desde sempre, desde a origem da humanidade, Deus tem estabelecido uma relação amorosa com o ser humano. A iniciativa partiu dEle e continua fiel, através dos séculos, apesar do pecado e da infidelidade do povo escolhido. Em Jesus Cristo, a aliança e a fidelidade de Deus para com a humanidade chega a sua plenitude.

A fidelidade humana e a nossa se apóiam em Deus. Para aqueles que seguem Jesus Cristo, não há outro ponto de apoio. Graças à fidelidade de Deus às suas promessas e ao seu eterno amor, nós podemos ser fiéis à nossa vocação cristã e vicentina. Na Bíblia, as referências sobre a fidelidade de Deus são infinitas. No saltério, por exemplo, podemos encontrar um número incalculável de invocações que nos convidam a colocar a nossa confiança no Senhor; invocações que brotam das mais variadas situações humanas: na serenidade e paz, na perseguição e cansaço, no desânimo e obscuridade, etc. *“O Senhor é meu pastor, nada me faltará. Em*

verdes prados ele me faz repousar. Conduz-me junto às águas refrescantes” (Sl 22, 1-2). *“Esperei no Senhor com toda a confiança. Ele se inclinou para mim, ouviu meus gritos”* (Sl 39, 2). *“Tu acendes a minha candeia; o Senhor meu Deus ilumina as minhas trevas”* (Sl 18, 28). *“Vós que na hora da angústia me reconfortastes”* (Sl 4, 2).

Está claro que Deus é o fundamento de nossa fidelidade; como diz São Paulo “sem Ele nada podemos fazer” (cf. 1Co 12, 3). A Sagrada Escritura diz também que o grau de fidelidade é proporcional a nossa confiança em Deus. A vida de Abraão é uma ilustração da fidelidade e da confiança em Deus a toda prova. Por isso, o Novo Testamento o apresenta como modelo de fé.

Deus lhe dá uma ordem que é, ao mesmo tempo, uma promessa: *“Deixa tua terra..., farei de ti uma grande nação”* (Gn 12, 1-4). Abraão acredita nesta palavra. Sua fé o impulsiona a ir em oposição ao bom senso e as leis da natureza: *“partiu não sabendo para onde ia”* (Hb 11, 8). Os anos passam, e Abraão não percebe qualquer sinal que o leve a pensar que ele seria pai de uma grande nação. Não tem o filho que Deus lhe prometera várias vezes. Se nós imaginarmos os sentimentos interiores de Abraão, podemos perceber suas dúvidas e sofrimentos, pois ele avança em idade e Deus permanece mudo. No entanto, continua confiando na realização das promessas de Deus, apesar das leis fisiológicas às quais ele e sua mulher, inevitavelmente, estão sujeitos.

Enfim, Deus lhe envia o filho que tanto desejava. Este acontecimento reforça sua fé. Mas, Deus vai submetê-lo a uma última prova, a uma terrível “noite escura” a fim de purificar sua fidelidade definitivamente: *“Toma teu filho, teu único filho a quem tanto amas, Isaac; e vai à terra de Moriá, onde tu o oferecerás em holocausto sobre um dos montes que eu te indicar”* (Gn 22, 1-3). Tentemos compreender os sentimentos de Abraão neste momento. Durante anos, ele tinha desejado ter um filho, depois, sentindo-se já idoso, ele perde a esperança de deixar uma descendência. Um dia, Deus lhe promete este filho. Abraão crê nisto porque a Deus nada é impossível. Depois de vários anos de esperança e desesperança, chega o filho da promessa e, naquele momento, Abraão já pode morrer em paz. É precisamente nesta última fase de sua vida, que Deus lhe pede que sacrifique o seu filho, não obstante toda lógica humana e o sentido mais elementar, Abraão continua confiando em Deus (Gn 22, 3-12). Em oposição a evidência e o bom senso, ele demonstra uma disposição incondicional de abandono e entrega a Deus, confiando totalmente nEle. Aqui está a razão pela qual Abraão pôde ser fiel ao longo de sua vida, embora não tenha sido fácil.

A história de Abraão, portanto, nos mostra claramente as duas faces da fidelidade: o verso é a fidelidade de Deus que sempre cumpre suas promessas; o reverso é a resposta do homem que admite tonalidades diferentes, de acordo com o grau de sua confiança em Deus.

A FIDELIDADE DAS FILHAS DA CARIDADE

A *exortação Vita consecrata* utiliza constantemente a expressão *“fidelidade ao carisma”*² para falar das diversas maneiras de seguir Cristo em cada Instituto religioso. A diversidade dos carismas é uma riqueza querida pelo Espírito Santo, autor de todos os dons, e a Igreja a defende com convicção. São Vicente recomendava às Irmãs a respeitar e admirar todas as formas de vida religiosa, mas pedia-lhes com insistência para amarem e serem fiéis ao estilo de vida próprio da Companhia, que Deus tinha inspirado ao Fundador para sua Igreja. De acordo com o pensamento de São Vicente, a fidelidade global ao Evangelho, à vida cristã, à Igreja não é suficiente. A fidelidade da Filha da Caridade se refere necessariamente aos elementos essenciais de sua razão de ser na Igreja. Além disso, a fidelidade deve refrescar o ser e a ação da Filha da Caridade, caso contrário, sua fidelidade estará mais morta do que viva. Vejamos como fazer na prática.

Vocação escolhida

Não se trata somente de manter sua vocação, de resistir e perseverar, ainda que com muito sacrifício e aridez interior; compreender a fidelidade deste modo seria empobrecê-la. A fidelidade não pode ser confundida com a falta de vitalidade espiritual, a rotina diária ou com um serviço ao pobre realizado somente no plano profissional. A fidelidade nunca é uma virtude passiva, mas sempre dinâmica e audaciosa, que faz olhar para frente e para o alto. Ela não se contenta com o ter, mas convida a aprofundar as motivações que levaram a dar uma resposta a este modo de seguir Jesus Cristo na Companhia. As Constituições convidam as Filhas da Caridade a levar a sério sua formação, a fim de *“adquirir convicções que firmam e unificam seu dom total a Deus”* (C. 50). Assumida depois de mais ou poucos anos, a escolha de vida deve continuar

irrigando a vontade, a inteligência, as atividades, as motivações, os comportamentos... todas as dimensões da vida.

“Doadas a Deus... em Comunidade... para o Serviço de Cristo nos pobres” (C. Cap. II).

A fidelidade impulsiona as Filhas da Caridade a viverem, em estreita união, os três aspectos de sua vida integrados, sem separá-los, senão seria uma fidelidade “em pedaços”. Servir os pobres fora de uma vida toda doada a Deus não tem sentido: *“Não basta servir os pobres”* dizia São Vicente às primeiras Irmãs³, muitas pessoas também o fazem por outras razões. A Filha da Caridade serve os pobres porque o serviço é a expressão de sua vida toda doada a Deus. A constituição 16b é clara: *“O serviço é para elas a expressão de seu dom total a Deus na Companhia e lhe dá seu pleno significado”*. Um serviço que não encontra sua fonte em Deus, enfraquece as outras dimensões da vocação e conduz inexoravelmente ao profissionalismo, isto é, a um serviço que não tem alma. Com a mística vicentina, adquire-se forças para servir, mesmo nos serviços mais difíceis e exigentes. Em seu livro *“A cidade da alegria”*, Dominique Lapierre conta que um dia, um jornalista americano fez uma viagem à Índia para entrevistar a Madre Teresa de Calcutá. Ele a encontrou cuidando de um pobre que tinha uma ferida repugnante. Ele lhe diz: *“Madre Teresa, eu não faria o que você está fazendo nem por um milhão de dólares”*, “eu também não”, respondeu-lhe ela.

Na espiritualidade vicentina, a Comunidade é **para** a missão. Aqui estão dois outros elementos para ser fiel verdadeiramente. Como viver estes dois pólos (missão e comunidade) de maneira integrada? Na medida em que a missão é preparada, organizada e revisada na Comunidade. A Comunidade dá forças para o serviço; em retorno, o serviço enriquece as relações comunitárias. Por consequência, as relações de amizade são fundamentais para viver bem estes dois pólos, do contrário, o pensamento e o entusiasmo são voltados unicamente para o serviço, e o trabalho se torna cada vez mais exaustivo. Para viver a Comunidade e a missão de maneira integrada, é necessário se dar inteiramente à Comunidade e, ao mesmo tempo, levar a sério o serviço confiado. Se um destes dois pólos não é respeitado, a fidelidade acaba debilitada.

O espírito da Companhia.

A fidelidade anima a Filha da Caridade a identificar-se com o seu espírito específico. São Vicente sabia muito bem que as Filhas da Caridade não eram as únicas na Igreja, a cuidar dos pobres. Ele lhes dizia: *“Deveis saber a diferença que há entre a vossa Companhia e muitas outras que fazem profissão de assistir os pobres como vós, mas não da maneira usada entre vós”*⁴. Um pouco mais adiante, continua: *“Deveis portanto saber, minhas queridas Irmãs, que o espírito da Companhia consiste em três coisas: amar Nosso Senhor e servi-lo em espírito de humildade e simplicidade. Enquanto existir entre vós a caridade, a humildade e a simplicidade, poder-se-á dizer: “A Companhia da Caridade ainda vive”; mas, quando nela já não houver essas virtudes, poder-se-á dizer: “A pobre Caridade morreu”... Onde está a caridade dessa Irmã que não tem humildade, nem simplicidade, e que não serve os pobres sinceramente com amor? Está morta. Mas, se tiver estas virtudes, vive, pois são a vida do seu espírito... Quem vos vir, deverá conhecer-vos por essas virtudes”*⁵. Para compreender a importância deste texto, é necessário olhar o contexto no qual São Vicente fez esta conferência. Ele mesmo diz, *“se alguma vez se vos fez uma instrução proveitosa, foi esta (falando do espírito da Companhia). Se alguma coisa há no mundo que deveis pedir a Deus, é o vosso espírito”*⁶.

A fidelidade tem um vínculo particular com o espírito da Companhia, São Vicente a explicou em detalhes, de acordo com a linguagem de seu tempo. As Constituições nos apresentam a atualização destas três virtudes específicas que resumem este espírito (cf. C. 13 e C. 18). O mais importante é saber como cultivar interiormente o espírito da Companhia e pôr em prática as três virtudes específicas que dão uma cor particular à identidade da Companhia. Uma boa formação inicial e contínua pode ajudar muito as Filhas da Caridade no crescimento do espírito próprio.

CULTIVAR A FIDELIDADE

Todos os especialistas de São Vicente são unânimes em reconhecer seu realismo e seu sentido prático em tudo. Ele era impulsionado por altas convicções, mas as vivia com os pés na terra. Um dia, falando às primeiras Irmãs sobre a necessidade de cultivar a fidelidade, ele começou descrevendo uma situação bem concreta, válida também para nós hoje: *“Senhor, dir-me-ão, confesso-vos que durante um ano ou seis meses talvez, eu voava, tão fervorosa era, ia servir os pobres com satisfação, dizia-lhes coisas tão bonitas, sentia*

grande consolação em escutar as leituras espirituais, em falar de Deus, tudo me parecia fácil. Mas o tempo tornou-se diferente, porque agora tudo me falta; já não tenho fervor, faço tudo por descargo de consciência; as leituras e as conferências não me comovem; se vou servir os pobres, é simplesmente porque tenho de ir”⁷.

É natural que aqueles que andam sintam o cansaço da caminhada. Com o passar dos anos, a pessoa que respondeu o chamado de Deus, experimenta um certo desgaste físico, psicológico e mesmo espiritual. A “noite escura” não é reservada somente para aqueles que Deus chamou ao ápice da vida espiritual. É um programa mais ou menos frequente para aqueles que optaram pelo seguimento de Jesus Cristo e por uma vida de serviço. É necessário considerarmos isto como uma provação de purificação. Quando a fadiga e o cansaço vêm, é hora de recriar, cultivar, renovar e fortalecer esta atitude básica e fundamental que chamamos “fidelidade”. O cansaço e a fadiga nem sempre são causados por uma situação interior pessoal. Às vezes, são causados pela sociedade que dificulta a vivência da vocação, ou por causa da incredulidade e da secularização que ameaçam nossas convicções de fé, ou pelos reclames da sociedade de consumo que desequilibram nossa vocação e missão. Para que a chama da vocação continue queimando, é necessário sempre fortalecer o compromisso da fidelidade. Vejamos alguns meios.

Cuidar da relação a Deus na oração.

De acordo com o que foi dito anteriormente, Deus é o fundamento da fidelidade; também, a nossa fidelidade se fortalece na oração e na relação pessoal com Ele. *“Sei em quem pus minha confiança, e estou certo de que ele é capaz de guardar o meu depósito até aquele dia”* (2Tm. 1, 12), escrevia São Paulo ao seu discípulo Timóteo, que estava passando por um momento difícil de sua vida. Com efeito, Paulo tinha sido traído por cristãos da Ásia e estava na prisão. Uma relação de abandono e de confiança no Senhor, que tem em suas mãos o destino do mundo, fortalece, mais do que tudo, a base da vocação.

Quero destacar aqui, a importância da oração pessoal para construir a fidelidade e dar vigor à vocação (cf. C. 21). Uma oração pessoal profunda e diária produz uma espiritualidade sólida, uma afetividade equilibrada e uma grande estabilidade na vocação. A razão é que a oração pessoal, feita com seriedade e perseverança, toca a pessoa e a transforma interiormente. Pouco a pouco, seus critérios, sentimentos e comportamentos mudam. Eles se tornam mais claros, abertos e mais universais. A oração pessoal profunda vai modelando a liberdade pessoal e conquistando sua afetividade.

Viver intensamente o cotidiano.

O tempo de nossa existência se desfaz dia após dia, os momentos se sucedem. Não podemos vivê-lo centrando-o totalmente. É como um rio que flui constantemente: o passado já está fora de nosso alcance, o futuro ainda não chegou, só resta o presente para se realizar na vida. Portanto, temos interesse em vivê-lo bem, dar um sentido a tudo o que se faz, convictos de que deste modo, realiza-se a vontade de Deus e crescemos em nossa vocação. Fazer a vontade de Deus é o caminho mais seguro para a fidelidade e, ao mesmo tempo, a melhor garantia para uma vida bem sucedida. O Papa João XXIII gostava de dizer: *“Sou como um saco vazio que Deus quer encher. Eu só me preocupo em fazer a vontade de Deus, dia após dia. Asseguro-lhes que esta vida é a mais bonita”*. São Vicente se expressava mais ou menos do mesmo modo: *“Oh! isso que felicidade... fazer sempre e em todas as coisas a vontade de Deus!”⁸.*

O Evangelho nos convida a adquirir a sabedoria das pequenas coisas para ser fiel nas grandes: *“Muito bem, servo bom e fiel; já que foste fiel no pouco, eu te confiarei muito. Vem regozijar-te com teu senhor”* (Mt 25, 21). Comentando este texto bíblico, São Vicente dizia: *“Ser fiel no pouco, é portanto dizer tudo, minhas queridas Irmãs”⁹*. Este pouco é o dia a dia: o serviço, o trabalho, o tempo comunitário, a oração, a visita fraterna, o bom uso do tempo, etc. Trata-se de viver o ordinário de uma maneira extraordinária, porque esta maneira de viver o presente, garante a plenitude e o sentido da vida toda, permitindo manter sempre vivo e dinâmico o nosso ideal, e dão orientação à própria existência. Em outras palavras, a resposta à vontade de Deus se manifesta constantemente por um espírito vigilante e atento que nos enche de alegria no caminho de nossa vocação.

Saber apreciar a vida comunitária.

Sem dúvida alguma, a Comunidade constitui uma ajuda importante para a fidelidade. É um dever de justiça reconhecer isto. Os julgamentos excessivamente duros contra a vida comunitária, impedem ver com

serenidade o que é bom nela. Para começar, a vida comunitária acolhe cada Irmã e lhe dá os meios necessários para crescer em todas as dimensões de sua vida vicentina. É o próprio Deus quem nos dá o dom das Irmãs, chamadas como nós, para que nos ajudem em nosso percurso de fidelidade. Há muitos meios que a Comunidade nos oferece para crescermos em nossa vocação: a Eucaristia, a força da fraternidade, as partilhas comunitárias, a caridade fraterna, os momentos de lazer, o serviço dos pobres realizado em nome da Comunidade, o benefício da oração das Irmãs idosas, etc. Neste inventário de meios, devemos nos lembrar que cada uma tem o dever de construir a Comunidade, e não se contentar em ser apenas simples consumidoras. Podemos dizer que cada uma tem o dever de velar pela fidelidade de sua Irmã. Na pergunta lançada por Caim a Deus no alvorecer da humanidade: “*Sou porventura eu o guarda do meu irmão?*” (Gn 4, 9) falta realmente a solidariedade. À luz do Evangelho, esta pergunta se transformou numa afirmação: “*Sim, eu sou o guarda de meu irmão*”.

Os aniversários de vocação, os jubileus celebrados em Comunidade, podem ser ótimas ocasiões para reforçar o espírito da vocação e o sentido de família. Cada celebração deve ser uma recordação cheia de ação de graças pelo amor que Deus tem por nós e pelo dom de nossa vocação.

CONCLUSÃO: COMO SE COZINHA UMA RÃ?

Termino esta reflexão sobre a fidelidade com uma história bem sugestiva do filósofo francês Olivier Clerc. Imaginem uma caçarola cheia de água fria, na qual uma rã nada tranquilamente. Imaginem também que alguém a coloca no fogo. A água começa a aquecer pouco a pouco. A rã se sente realmente muito bem nesta água que perdeu a sensação de frio intenso. Pouco a pouco, a água fica morna. A rã continua nadando e desfrutando deste bem-estar sem suspeitar de nada. A temperatura da água continua aumentando, agora está quente. A rã começa a se sentir mal, um pouco cansada, com uma ligeira dor de cabeça, suas patas perderam um pouco sua mobilidade, mas apesar de tudo, não tem medo e continua a nadar.

A temperatura da água continua aumentando e, neste momento, a rã está se sentindo realmente mal. Ela pára de nadar, porque suas patas estão adormecidas. Ela quisera pular fora do recipiente, mas não tem mais força para fazê-lo. Sua visão fica turva, tem vertigem. Está colada no fundo da caçarola. A temperatura aumenta cada vez mais e a rã acaba morrendo cozida. Vejam, se se tivesse colocado a rã numa caçarola com água a 50°C, imediatamente, ela teria pulado fora do recipiente. Mas esta maneira progressiva é muito traiçoeira.

As pequenas infidelidades na vocação podem levar às grandes, e estas a uma paralisação total, em definitivo, à morte. Felizmente, o contrário é também certo. A fidelidade do futuro se constrói no presente, sempre a partir de pequenos compromissos. “*Muito bem, servo bom e fiel; já que foste fiel no pouco, eu te confiarei muito. Vem regozijar-te com teu senhor*” (Mt 25, 21).

Padre Javier Álvarez
Diretor geral

Notas

- ¹ - Cf. Conf. p. 755; Conferência de São Vicente às primeiras Irmãs de 4 de março de 1658 “Sobre a caridade mútua e o dever da reconciliação”
- ² - Como exemplo, ver os artigos 52a, 56a, 65c...
- ³ - Cf. Conferência de São Vicente às primeiras Irmãs de 25 novembro de 1658 “Sobre a ordem do dia”.
- ⁴ - Cf. Conf. p. 398; Conferência de São Vicente às primeiras Irmãs de 9 de fevereiro de 1653 sobre “O espírito da Companhia”.
- ⁵ - Cf. Conf. p. 398; Conferência de São Vicente às primeiras Irmãs de 9 de fevereiro de 1653 sobre “O espírito da Companhia”.
- ⁶ - Cf. Conf. p. 390; Conferência de São Vicente às primeiras Irmãs de 24 de fevereiro de 1653 sobre “O espírito da Companhia”.
- ⁷ - Conf. p. 415; Conferência de São Vicente às primeiras Irmãs de 3 de junho de 1653 sobre “A fidelidade a Deus”
- ⁸ - Coste XI p. 315; Conferência aos Missionários de 15 de outubro de 1655 sobre “A conformidade com a vontade de Deus”.
- ⁹ - Conf. p. 415; Conferência de São Vicente às primeiras Irmãs de 3 de junho de 1653 sobre “A fidelidade a Deus”

Bom e Santo Ano de 2010

Muito obrigado pelos votos de boas festas expressos por ocasião do meu Santo Patrono, do Natal e Ano Novo. Algumas das Irmãs me pediram orações por situações particulares. Estejam certas de que eu apresentei, de maneira particular, todas as suas intenções ao Senhor.

Que neste ano de 2010, ano em que celebramos o 350º aniversário da morte de São Vicente e de Santa Luísa, o Senhor nos conceda a todos nós Vicentinos, a graça de tomarmos consciência da beleza e da atualidade de nossa vocação!

Javier Álvarez,
Diretor geral

ATUALIDADE DAS PROVÍNCIAS

Nomeações

PROVÍNCIA DA ALBÂNIA, NOVA YORK: Irmã Louise GALLAHUE foi designada Visitadora em substituição de Irmã Kathleen APPLER, em 8 de setembro de 2009.

PROVÍNCIA DE CURITIBA: Irmã Paula PEREIRA ALVES foi designada Visitadora por mais três anos, em 8 de setembro de 2009

PROVÍNCIA DA FRANÇA NORTE: Irmã Marie-André CADET foi designada Visitadora em substituição de Irmã Françoise PETIT, em 8 de setembro de 2009.

PROVÍNCIA DE CALI: Irmã Maria Lia GIRALDO HERRERA foi designada Visitadora por mais três anos, em 23 de setembro de 2009.

PROVÍNCIA DE CUBA: Irmã Fara GONZALEZ CONZALEZ foi designada Visitadora em substituição de Irmã Iliana SUAREZ PEREZ, em 23 de setembro de 2009.

PROVÍNCIA DO JAPÃO: Irmã Janet NUNOGAMI foi designada Visitadora em substituição de Irmã Madeline HARA, em 23 de setembro de 2009.

PROVÍNCIA DA ESLOVÁQUIA: Irmã Alzbeta VOLOSINOVA foi designada Visitadora por mais três anos, em 23 de setembro de 2009.

PROVÍNCIA DE SÃO SEBASTIÃO: Irmã Manuela RUBIO AGUADO foi designada Visitadora em substituição de Irmã Maria Carmen PEREZ GONZALEZ, em 21 de outubro de 2009.

PROVÍNCIA DAS FILIPINAS: Irmã Maria Teresa MUEDA foi designada Visitadora por mais três anos, em 11 de novembro de 2009.

PROVÍNCIA DO PERU: Irmã Miguelina FLORIDO PECHEAROVICH foi designada Visitadora em substituição de Irmã Marina Isabel MELENDEZ MELENDEZ, em 2 de dezembro de 2009.

* * * * *

PROVÍNCIA DE SÃO LUÍS (USA): o Padre John Francis CLARK foi nomeado Diretor das Filhas da Caridade por três anos, em 11 de março de 2009.

PROVÍNCIA DA ÁFRICA DO NORTE: o Padre Christian MAUVAIS foi nomeado Diretor das Filhas da Caridade, em 11 de março de 2009.

PROVÍNCIA DE SANTO DOMINGO: o Padre Alejandro PAULINO PERALTA foi nomeado Diretor das Filhas da Caridade, em 27 de outubro de 2009.

PROVÍNCIA DA BOLÍVIA: o Padre Joel VASQUEZ DUQUE foi nomeado Diretor das Filhas da Caridade, em 28 de outubro de 2009.

PROVÍNCIA DE COLÔNIA: o Padre Georg WITZEL foi renomeado Diretor das Filhas da Caridade, em 28 de outubro de 2009.

VISITA DOS SUPERIORES

Província da Eslovênia

Por ocasião do 90º aniversário da Província,
visita de Mère Evelyne Franc
e de Irmã Žofia Daniščakova, Conselheira geral,
17 - 19 de julho de 2009

Um provérbio esloveno diz: “curta visita – doce visita!” Efetivamente, experimentamos esta verdade quando Irmã Evelyne Franc, Superiora geral, acompanhada por Irmã Žofia Daniščakova, Conselheira geral para as línguas eslavas, nos deram a alegria de estar conosco durante dois dias... Foi curto mas denso. Demos graças ao Senhor por esta visita que coincidiu com a visita de Maria a Catarina Labouré, há 179 anos.

O dia 18 de julho de 2009 tinha sido escolhido para a celebração do 90º aniversário da fundação da Província da Eslovênia, antiga Província da Iugoslávia. Esta foi fundada pela Província da Áustria em 1919, depois da primeira Guerra mundial. Como a Visitadora, Irmã Bernarda lembrou, a Província da Eslovênia se desenvolveu na Sérvia, na Croácia e, um pouco depois, na Macedônia e no Kosovo. Nesta época, a Província floresceu verdadeiramente. Em todos os lugares onde elas trabalhavam, as Irmãs estavam muito próximas dos pobres e os serviram com um grande amor inventivo.

Em seguida, chegam as provações! Em 1948, o serviço das Irmãs na Eslovênia foi proibido pelo poder comunista. Seus estabelecimentos foram confiscados e as Irmãs foram obrigadas a deixar os hospitais e as outras instituições.

As Irmãs são dispersadas, mas apesar de tudo, continuam servindo os sofredores nos lugares onde podem. Graças à coragem e a fidelidade delas, a Província se manteve. O testemunho das Irmãs suscitou o florescimento de sua ação no sul da ex-Iugoslávia, o que permitiu, em 2000, a ereção da Região da Albânia.

É então por ocasião desta longa fidelidade de 90 anos, que foi organizada uma grande festa na Casa da cultura, de Mengeš, com a presença de muitos convidados: um cardeal, religiosos, muitos Padres Lazaristas, o clero, civis, mestres de obra, o prefeito e os habitantes da cidade. Todos puderam descobrir a história da Província, graças a uma apresentação cênica histórica, com músicas e cantos do país, e a participação de numerosos jovens. Entre os convidados se encontravam as Irmãs da Província da Áustria bem como as religiosas de dois Institutos que se inspiram no espírito vicentino.

Para marcar este aniversário, foi inaugurado em Mengeš, um imóvel novo de acordo com as normas européias, destinado às nossas Irmãs idosas e, também, no futuro, às pessoas idosas externas. Esta casa que tem o nome de "Irmã Catarina Labouré", foi bento neste 18 de julho. Em seguida, a Eucaristia solene foi presidida pelo Cardeal Rodé, cm (Perfeito da Congregação para os Institutos religiosos e as Sociedades de vida apostólica). A casa natal de Dom Rodé, irmão de Irmã Cecília Rodé, fica situada nos arredores da pequena cidade de Mengeš onde as Filhas da Caridade trabalham com os pobres há muito tempo. Esta festa foi um grande acontecimento para as Irmãs, os habitantes do país e os numerosos artesãos que contribuíram com alegria, por seu trabalho, ao sucesso desta Casa de Idosos moderna e funcional.

Desde sua chegada, 17 de julho, Notre Mère fez uma visita curta às Filhas da Caridade de Ljubljana, reunidas na comunidade de Ljubljana-Potočnikova. No dia seguinte, ela conversa, primeiramente, com as Conselheiras da Província da Eslovênia e da Região da Albânia, em seguida, com as Irmãs doentes de Mengeš. No dia 19 de julho, Irmã Evelyne se reúne com as Irmãs da Província na Casa Provincial Šentjakob e

partilha com elas, alguns pontos fortes sobre a vida comunitária; em seguida, com Irmã Žofia, visita duas Irmãs doentes no hospital de Ljubljana. Finalmente, faz uma parada no Seminário, para a felicidade das duas Irmãs jovens.

As Filhas da Caridade da Província de Eslovênia e da Região da Albânia se lembrarão sempre destes dois dias de festa com a presença de Nossa Superiora geral e de Irmã Žofia. Louvor a Ti, Senhor, tua bondade fez por nós maravilhas!

Irmã Cveta JOST
Correspondente dos Ecos

VISITA DOS SUPERIORES

Por ocasião do 170º aniversário
da presença das Filhas da Caridade na Turquia,
visita de Mère Evelyne Franc
e de Irmã Françoise Petit, Conselheira geral

17-18 de outubro de 2009

Introdução

No dia 17 de outubro de 2009, todas as Irmãs de Turquia estavam no aeroporto para acolher nossos Superiores que vinham para celebrar o 170º aniversário da presença das Filhas da Caridade na Turquia: Irmã Evelyne Franc, Superiora geral, Irmã Christa Bauer e Irmã Françoise Petit, Conselheiras gerais, Irmã Rita Ferri, Econôma geral, Irmã Madeleine Saillard, Visitadora da Suíça Turca, Irmã Angelika Pauer, Visitadora da Áustria e Irmã Pia Humbel, futura Ecônoma geral.

No dia 18 de outubro de 2009, as Irmãs do hospital austríaco São George, do hospital da Paz e do colégio São Bento, fazem os últimos preparativos da celebração organizada para festejar a chegada das primeiras Filhas da Caridade na Turquia, em 1839.

Por ocasião deste aniversário, queremos nós, com os Superiores, dar graças ao Senhor por ter chamado a pequena Companhia, para servir os pobres na Turquia há 170 anos.

Um pouco da história

Para compreender a importância deste dia, recorramos à linha do tempo.

Em maio de 1839, duas jovens protestantes, convertidas ao catolicismo, são batizadas e fazem a sua primeira comunhão. Estas duas jovens, Senhorita Tournier (originária de Genebra) e Senhorita Oppermann (de São Pétersbourg) querem ir mais longe. Desejosas de se consagrar a Deus e aos pobres, batem à porta da Casa Mãe das Filhas da Caridade, 140 rua do Bac. Por causa da idade avançada para a época, a Companhia hesita em acolhê-las.

Ora, durante este tempo, Padre Leleu, Visitador Provincial e Prefeito apostólico do Levant, pretende associar as Filhas da Caridade à missão da Turquia, a fim de realizar as reformas devidas. Então, ele insiste junto aos Superiores para que enviem Irmãs para, em colaboração com os Lazaristas, trabalharem pelos pobres deste país.

Os Superiores propõem às duas recém convertidas de ir abrir uma escola ali. Se os resultados da experiência forem positivos, algumas Irmãs irão ajudá-las. Cheias de coragem e esperança, as duas jovens deixam Paris no dia 20 de junho de 1839, data que será também a entrada delas na Companhia.

Em 4 de julho de 1839, Irmã Bernardine Oppermann e Irmã Marie Tournier chegam em Constantinopla. São acolhidas por Dom Leleu e seu co-irmão Dom Pecquet que as instala na casa São Bento

onde uma senhora francesa dá aulas. As Irmãs trabalham em colaboração com esta senhora e conseguem bons resultados.

Pouco tempo depois, os Superiores decidem enviar duas equipes de Irmãs, uma para Smyrna, outra para Constantinopla.

No dia 21 de novembro de 1839, as Irmãs deixam Marselha. Em 4 de dezembro de 1839, a primeira equipe chega em Smyrna, a segunda espera o fim da tempestade para continuar a viagem pelo barco vapor dos Correios Reais. Em 8 de dezembro de 1839, as Irmãs põem os pés em Constantinopla. Neste mesmo dia, as Irmãs Bernardine e Marie recebem o hábito das Filhas da Caridade. Foi o início da obra em Constantinopla.

No decorrer dos anos, apoiadas pelos Lazaristas, as Comunidades se desenvolvem. Muitas Irmãs experimentaram aí momentos de felicidade e de alegria, outras passaram por dias bem sombrios: algumas perderam seu sangue durante as guerras ou sucumbiram nas epidemias que sobrevieram. Mas a obra continua a todo custo.

Realização da festa de 18 de outubro de 2009

No dia J, acolhemos nossos convidados. Irmã Madeleine Saillard, Visitadora, abre as festividades e apresenta os convidados: dois membros de cada família religiosa, muitos Vicentinos, delegados da Cáritas, Fakirler Dostum (Amigos dos pobres), Diretores dos dois estabelecimentos franceses (Hospital da Paz e Colégio São Bento). No total, 97 pessoas muito felizes de se encontrarem ao redor de 3 mesas grandes: a mesa de “Vicente de Paulo” presidida pelo nosso Bispo, a mesa de “Luísa de Marillac”, presidida por Irmã Evelyne Franc, a mesa de “Margarida Naseau” presidida pelo nosso novo Cônsul geral da França. O ambiente foi muito agradável e alegre. O senhor Rinaldo Marmara apresenta o livro, publicado recentemente, relatando a história do Colégio São Bento, outrora chamado de Nossa Senhora da Providência (1839-2009). No ano passado, ele tinha escrito um livro sobre o Hospital da Paz por ocasião da celebração do seu 150º aniversário.

No fim da refeição, durante o canto das *“Meninas do campo”*, 7 Irmãs trouxeram, cada uma, um quadro representando, um São Vicente, outro Santa Luísa, um outro Margarida Naseau e 4 outros, com as últimas Irmãs proclamadas Bem-aventuradas. Em seguida, um grande painel exibe a data de 8 de dezembro de 1839, acompanhada pela última estrofe: *“O Senhor lhes diz: Venham, trabalhem e rezem. Preciso muito de vocês, pois tenho muitas obras, o trabalho é penoso e os operários são poucos”*.

Em seguida, começa a celebração eucarística. Entrando em procissão, primeiramente, o Sêlo da Companhia e os dois grandes porta retratos de São Vicente e de Santa Luísa, na sequência, Irmã Evelyne com uma linda vela, acompanhada pelas Irmãs, duas a duas, cada uma, também, levando uma vela. Depois, o Bispo sobe ao altar seguido de uns vinte Padres. Foi um momento muito emocionante para todos os fiéis presentes: cristãos, muçulmanos, judeus, todos unidos em oração de ação de graças. Depois da liturgia da Palavra, a homilia foi pronunciada pelo Padre Danjou; em seguida, as preces foram rezadas em diversas línguas, pedindo a Deus a paz, a tolerância e o amor para viver a fraternidade com todos.

No momento da procissão das oferendas, um doente e um vicentino avançam rumo ao altar, acompanhados por uma Filha da Caridade que leva as Constituições, uma pessoa que leva os dois livros do senhor Marmara, um membro das Conferências de São Vicente de Paulo, um representante dos jovens e um padre lembrando as obras realizadas por São Vicente para a formação dos Padres.

No final da cerimônia, um Magnificat vibrante expressa o nosso grande reconhecimento. O Senhor também fez por nós Maravilhas!

Em seguida, as 27 Filhas da Caridade presentes neste grande dia são fotografadas diante do altar da Catedral, sob os aplausos dos fiéis.

(Foto)

Finalmente, à noite, nós nos encontramos todos no hospital austríaco São George para uma última refeição festiva.

De retorno à Paris, Irmã Evelyne nos enviou esta mensagem: “Sim, peçamos ao Senhor que envie numerosas vocações para continuar o serviço dos pobres. Continuo unida a todas vocês na confiança. Para nós foi um grande e belo momento!”

As Irmãs de Istambul

TESTEMUNHO DAS IRMÃS

Província da Índia do Sul

A casa Santa Catarina em Raikia,
no meio das rebeliões de Kondhomal

Na Índia, Província do Sul, o Estado de Orissa tem uma população de 40 milhões de habitantes. Kondhomal é um distrito tribal situado entre colinas e montanhas das quais 40% da população são intocáveis ou de origem tribal. Os missionários cristãos chegaram neste distrito no início do século XX com o objetivo de promover um certo nível educacional, sanitário e social, que foi organizado graças aos esforços constantes dos missionários – dos grupos não católicos, dos padres Lazaristas e de nós próprias, as Filhas da Caridade. Mais tarde, a comunidade católica se tornou membro da Arquidiocese de Cuttack-Bhubaneswars e várias paróquias e instituições cristãs foram criadas no distrito. Em Kondhomal, há 120.000 cristãos. Até hoje, os habitantes de Kondhomal viviam em paz e em harmonia e mantinham boas relações entre si. Tinham suas crenças e costumes tribais próprios e reagem bem aos meios colocados à sua disposição, para favorecer seu próprio crescimento cultural, educacional e social. Há uns dez anos, um certo número de famílias hindus, se inseriram nas diferentes zonas do distrito para promover acordos e o comércio, contribuindo assim para ajudar também os habitantes do distrito.

Progressivamente, os hindus fundamentalistas criaram uma certa ideologia e levaram pessoas de coração simples ao caminho da rivalidade entre os grupos sociais e as religiões diferentes. Milhares de pessoas caíram na armadilha e começaram a participar de atividades destrutivas contra os cristãos. Graças à educação, alguns, dentre os quais alguns cristãos adquiriram um certo estatuto social. Então, alguns dirigentes hindus se sentiram ameaçados.

No ano passado, a Igreja foi testemunha e vítima de um período terrível de perseguições. O distrito de Kondhomal, no Estado de Orissa, foi o mais atingido. Estas revoltas continuaram com a mesma intensidade da de 24 de dezembro de 2007 a janeiro de 2008, e a de 23 de agosto a outubro de 2008.

Os acontecimentos na Casa Santa Catarina em Raikia

Raikia está situada na parte central do distrito de Kondhomal. Quando as Irmãs chegaram a Raikia em 1948, havia apenas algumas casas habitadas pela população tribal, alguns cristãos e uma igreja, duas famílias hindus com suas pequenas boutiques e uma grande floresta. As Irmãs abriram um pequeno dispensário, visitaram as famílias, catequizaram os poucos católicos das aldeias diferentes. Tomando consciência da necessidade, em matéria de educação, uma escola primária foi aberta, depois um colégio. Constatando as dificuldades das famílias, abriram também, uma creche para as criancinhas. A Casa Santa Catarina exerce uma função cada vez mais importante e única entre as instituições do distrito em matéria de promoção das pessoas; na realidade, nós somos a primeira comunidade de Irmãs do distrito. Hoje, a nossa comunidade assume os serviços seguintes:

- Um centro de saúde com 30 leitos para hospitalização
- Um colégio para aproximadamente 800 meninas
- Um novo colégio para acolher o número crescente de crianças da aldeia
- Uma creche para 35 crianças órfãs
- Um lar para 180 estudantes que estudam no colégio
- Um auxílio médico e pastoral para as famílias das aldeias vizinhas

Os acontecimentos dolorosos do fim de agosto de 2008

Em 23 de agosto de 2008, um homem foi mortalmente ferido em sua residência. No dia seguinte, o centro pastoral de Konchamendis e outros imóveis dos serviços sociais foram invadidos e destruídos. Em seguida, as boutiques do mercado que pertenciam a cristãos foram saqueados e incendiados totalmente. Os padres das paróquias de Phulbani, Shankarakhol e Konchamendis foram agredidos. Logo, soubemos que

algumas pessoas fizeram o juramento de eliminar a presença cristã do Distrito de Kondhomal e destruíram as aldeias cristãs e suas Igrejas. Com nossos Superiores, decidimos que não era possível fugir com todas as crianças e os bebês. Num espaço de uma meia hora, transferimos todos os nossos pertences da Comunidade para as salas da escola. Depois de ter comungado, apagamos as luzes e ficamos na obscuridade. Ouvimos a explosão de várias bombas e, pouco tempo depois, um grupo violento alcançou Raikia. Podíamos ouvir os veículos inspecionarem as ruas com uma sirene especial, todos os faróis apagados. Quando eles entravam em casas que pertenciam aos cristãos, carregavam todos os objetos de valor num ônibus e destruíam as casas antes de incendiá-las. Esta destruição continuou em diversos bairros da cidade. Uma motocicleta passou por nossa casa, depois voltou e parou em nosso portão. Escutei claramente o líder dizer: “Vamos lá”; um outro replicou: “Deixem-as”, em seguida, foram embora. Passamos a noite em oração e recebíamos telefonemas. Quando amanheceu o dia, sentimos um certo alívio.

No dia seguinte, nos chega a notícia de que eles tinham a intenção de atacar a nossa Instituição e a Igreja entre 19h30 e 20h30. Consegui enviar uma carta ao oficial de Polícia encarregado pelo setor com dois outros policiais que vieram buscar seus filhos no lar. Disseram-me que, logo, as Forças de Ação Rápida alcançariam Raikia. Até as 20h30, não vimos nada vir porque a estrada estava bloqueada por enormes troncos de árvores e de pedras pesadas. Decidimos deixar o prédio do lar e nos acomodar no prédio da Creche. Pedimos às criancinhas para dormir entre os leitos dos bebês e às adolescentes maiores para nos acompanharem na oração. Às 21h30 mais ou menos, sete veículos da Força de Ação Rápida chegaram a Raikia e não ouvimos nenhum barulho fora. As forças paramilitares chegaram e estacionaram diante do nosso portão. No dia seguinte, os estudantes de nosso lar souberam que suas casas tinham sido destruídas e que pessoas tinham sido mortas. Os estudantes ficaram então convictos de que, graças à oração, Deus tinha realmente operado um milagre para os salvar.

Quando estes acontecimentos começaram, todos os cristãos se refugiaram nas florestas e montanhas. No primeiro dia, visitamos o Escritório de Desenvolvimento onde as pessoas tinham se refugiado. Havia quase 6.000 pessoas aglomeradas, chovia, a terra estava coberta de água. As pessoas estavam em pé na água e, assim, passado a noite. A notícia dos assassinatos em oposição aos cristãos chegou à população do acampamento.

Em alguns dias, as forças policiais começaram a ir aos acampamentos para garantir a segurança das pessoas e dar-lhes comida. Estes acampamentos estavam superlotados, por isso, o governo nos pediu que colocássemos à disposição o pátio e os prédios escolares para abrigar as pessoas de um destes acampamentos. O segundo batalhão das Forças de Ação Rápida ficou hospedado nos locais da escola e os oficiais em algumas salas da Instituição. O único acesso da Igreja ao distrito de Kondhomal era feito pela Casa Santa Catarina que também tinha se tornado o acampamento de base da equipe médica, que começou a funcionar progressivamente em alguns acampamentos da região. Os relatos de assassinatos continuaram. Encontrei 5 viúvas de cristãos que tinham sido mortos, alguns diante delas e de seus filhos. Os cristãos tinham sido ameaçados e forçados a se tornarem Hindus se quisessem permanecer em suas aldeias. Uma viúva disse-me que as crianças da aldeia tinham reunido ramos e capim para queimar o corpo dos mortos.

Entre as vítimas, mais de 18.000 pessoas ficaram feridas, 4.000 casas incendiadas e quase 150 Igrejas destruídas.

Hoje, as pessoas sofrem ainda: muitas pessoas deixaram o lugar onde moravam para ir viver em outras regiões do país, notadamente, em lugares seguros nos Estados do Sul. Aceitou-se o retorno de algumas famílias cristãs às suas aldeias, mas em muitos lugares, os cristãos vivem em acampamentos que não ficam distantes de suas aldeias sob a proteção da polícia, esperando o dia em que aceitem que eles voltem para suas casas. Alguns se tornaram hindus e outros permanecem fiéis ao Cristo, apesar da perseguição.

Com uma fé simples, tínhamos colocado medalhas milagrosas em diferentes lugares dos prédios. Hoje, vemos o quanto Maria, única Mãe da Companhia e Jesus em Sua misericórdia, nos protegeram.

Ó Maria, concebida sem pecado, rogai por nós que recorremos a vós!...

Das Irmãs da Província

TESTEMUNHO DAS IRMÃS

Províncias da Itália.

S.O.S. da terra de Abruzzes,
a Família Vicentina responde.

Um terrível terremoto

Desde o dia 6 de abril de 2009, durante vários dias, os meios de comunicação mostraram de um modo preciso, os prejuízos causados pelo terremoto que, em poucos segundos, transtornou a província de Aigle.

Milhares de voluntários correram para o local, a fim de levar conforto moral e ajuda material. A Família Vicentina, imediatamente, quis dar sua contribuição. Rapidamente colocou-se à disposição para colaborar com as Instituições católicas e sociais locais (Caritas, Proteção Civil, Bombeiros, Cruz vermelha). Era necessário identificar os lugares onde era mais urgente agir, as pessoas responsáveis, as modalidades e os meios de intervenção, etc. Em poucos dias, uma equipe de vicentinos se constituiu, o C.O.V.I., (Centro Operacional Vicentino) ao qual foi confiada a preparação detalhada de um serviço de intervenção rápido e eficaz para as vítimas do terremoto. Observando a zona devastada, a região de *San Demetrio de Vestini* é, imediatamente, mantida como zona operacional. É uma região muito conhecida dos Vicentinos da Província de Nápoles e de Roma por terem nascido ou trabalhado lá.

Em setembro de 1919, as Filhas da Caridade chegaram a San Demétrio para servir numa Escola Maternal e, mais tarde, num ateliê de bordado, num orfanato e para visita dos pobres em domicílio. Em 1998, esta grande casa se transformou num Asilo para as Irmãs idosas. Mas, em 2007, a casa teve que ser fechada. Hoje, constatamos que a decisão de fechar a casa foi providencial porque o terremoto a destruiu em grande parte.

Uma visita preliminar

Em 15 de abril de 2009, alguns membros da família vicentina visitam a região para avaliar o que devia ser feito. Os habitantes lhes pedem: *“Não nos abandonem!”* O C.O.VI envia alguns convites a todos os Vicentinos da Itália: *“Estabelecemos um posto de serviço em San Demetrio! Precisamos, pois, de voluntários dispostos a dar um pouco de seu tempo e ajuda moral e espiritual. Equipes se revezaram todas as semanas durante três meses (de 27 de junho a 13 de setembro)”*. As respostas chegam. O primeiro grupo parte do centro da Itália no dia 27 de junho; este era formado de Irmãs e leigos vicentinos adultos, aos quais o Padre Giuseppe Carulli, c.m confia este programa: *“A tarefa de vocês é de estar junto dos adultos, idosos e das famílias. Os escuteiros cuidam das crianças. Em primeiro lugar, estejam à escuta das necessidades e das situações difíceis vividas por estas pessoas; a animação social e espiritual virá depois”*.

No local

Cada membro do grupo usa uma camiseta laranja na qual está especificado o grupo de pertença: *“família Vicentina para os Abruzzes”* e, na parte de trás, está impressa a oração dos Vicentinos. Cada um ganha a zona reservada nas barracas e começa seu trabalho. Com um olhar atento, observa as pessoas silenciosas e dignas, cujos rostos expressam a tragédia vivida, a complexidade do presente e a preocupação face ao futuro incerto.

Irmã Cecília anota num caderninho: *“Diante da primeira barraca, Maria Teresa me convida a entrar. Sua mãe me conta sua preocupação com a saúde de seu marido que não quer ir para o hospital, visto que isto é necessário. Com efeito, nas barracas, faz frio à noite e muito calor durante o dia. Então, a mãe levanta-se e mostra-me com o dedo uma estátua da Imaculada: Você vê? Trouxe de casa, somente esta estátua, porque eu queria que a Santíssima Virgem estivesse sempre conosco! Foi ela quem nos salvou do terrível terremoto. Nenhum de nós sofreu qualquer ferimento!”* Então, juntos, rezamos a ela agradecendo-lhe e pedindo ainda sua proteção.

“Numa outra barraca, Paola tem muitos tiques nervosos, dificultando sua comunicação com os outros, mesmo com o seu irmão. Solidão e tormento!”

“Jean, ele, está sentado fora de sua barraca, sério e com raiva do mundo inteiro. Ele me diz: Onde teu Deus estava quando tudo isso aconteceu? Diz-me, responde-me: onde ele estava? Sou um homem honesto. Amo a minha família e já trabalhei muito. Agora quero ficar aqui sozinho, até que eu vá pra minha casa novamente”. Com os olhos cheios de lágrimas, escuto-o e rezo por ele.

“Uma senhora idosa, com dificuldades de se locomover, pergunta se podíamos levá-la ao médico. Fizemos isto com prazer”.

“Uma pessoa de idade indefinida nos conta que, para ela, o terremoto já dura anos: ela sofreu violências morais e violentas terríveis por parte de seu pai, doente psíquico”. Nós lhe propusemos consultar a psicóloga e ela a aceitou.

Irmã Margarida afirma com convicção que o terremoto material também provocou a conversão dos corações. Muitas pessoas começaram a refletir sobre a fragilidade das coisas e as dificuldades das relações interpessoais. Assim, quando um homem idoso soube que um de seus compatriotas com quem ele não falava há anos, estava com grandes problemas de saúde, ele diz: *“Minha Irmã, tenho que ir pedir-lhe desculpas, porque me recusei falar com ele!”*

Irmã Gina encontra Maria, uma viúva de 83 anos, sem filhos. Sua casa ficou bem danificada. Acolhida no acampamento das barracas, Maria não pôde se adaptar ali; ela fugiu, voltou a se esconder em sua casa, em ruínas e sem água. Os bombeiros descobriram e nos disseram. Nós a acolhemos em nossa barraca, banhamos, vestimos, acarinhamos e a reabastecemos de tudo o que lhe era necessário. Mas, uma manhã, Maria desapareceu; tinha ido amarrar sua vinha. Nós a encontramos e a apresentamos Elisa, que também era viúva e idosa. Graças à serenidade de Elisa, uma amizade nasceu entre elas.

Irmã Rita nos falou de um grupo de voluntários que veio trabalhar em San Demetrio de 12 a 19 de julho de 2009. A este grupo formado por um Padre da Missão, 5 Seminaristas, 2 estudantes e 6 Filhas da Caridade, é confiada várias tarefas: manter o vestiário das pessoas idosas, preparar-lhes as refeições e servi-las à mesa. Irmã Rita diz:

“A experiência mais forte do grupo foi a de partilhar totalmente da vida destas pessoas: o desconforto de uma barraca, muito quente de dia e muito fria à noite; o uso de banheiros comuns e distantes. Para nós, o obstáculo durou só uma semana, mas para os habitantes do lugar, tudo é bem mais difícil e dramático, continua dia e noite por uma questão insistente e sem resposta: o que nos reserva o amanhã?”

A ladainha destas situações penosas é longa e difícil de expressar. A estas histórias aparentemente semelhantes, é necessário, às vezes, encontrar soluções bem diferentes.

Partilha de experiências

Distribuídos em 11 grupos formados em média de 10 a 15 pessoas, os Vicentinos alternaram sua presença em San Demetrio e fizeram uma experiência capaz de dar uma nova cor à vida de cada dia.

A partir da experiência vivida por um grupo de adolescentes (jovens de 17-18 anos, vindos de Rivoli (Turim), com situações familiares complexas e dificuldades pessoais), Irmã Simone relata o desenvolvimento desta experiência e os dois objetivos que esta permitiu alcançar:

- permitir aos jovens dar um pouco de seu tempo e de si mesmos no serviço às pessoas necessitadas.
- ajudá-los a descobrir o sentido da vida, sentido que não se encontra em experiências superficiais, mas na gratuidade do dom ao outro.

Como isto aconteceu em San Demetrio? Aqui, na realidade, as regras e os horários foram respeitados. Considerando que os adolescentes são tão reservados em se submeter às regras da escola, mas lá estavam, todas as manhãs, pontuais e silenciosos durante a cerimônia do asteamento da bandeira. Antes de começar seus trabalhos, os jovens se reuniam para escutar a Palavra de Deus. Em seguida, iam ver as pessoas necessitadas para escutá-las, servi-las, realizando tarefas diferentes: cozinha, limpeza dos lugares coletivos... O acampamento das tendas, lugar de luto e tristeza, se tornou para estes jovens, o lugar sagrado de escuta da Palavra de Deus e o encontro com o sofrimento dos homens. Na longa viagem de retorno, o assunto da conversa entre os jovens, habitualmente tão grosseiros, era pelo menos por uma vez, harmoniosa. Todos estavam surpresos e felizes por terem sido úteis e descoberto sua capacidade de amar. Sujando-se entre os

escombros, estes adolescentes típicos de nossa sociedade, descobriram o caminho a percorrer a fim de dar sentido e valor à própria existência.

Rosita, uma simpatizante vicentina, expressa: *“Estava com a moral zero; Sentia-me cansada fisicamente e moralmente; mas, com um pouco de inconsciência, aceitei o convite de Irmã Nevía para colaborar com os Vicentinos no trabalho junto as vítimas dos desastres em San Demetrio. No acampamento de tendas, minha missão era a de ser uma presença junto às pessoas, escutá-las e partilhar com elas suas dificuldades. Com que simplicidade, eles confessavam e choravam!... Quantas vezes me agradeceram? Muitos várias vezes! Com efeito, era eu quem devia agradecer-lhes pela confiança que me demonstraram e pelo gosto de viver, que eles me ajudaram a encontrar. Obrigada!”*

Irmã Gina expressa a dificuldade em partilhar a riqueza de sua experiência: *“Não foi um trabalho fácil. As palavras não podem, absolutamente, expressar a realidade. O que eu posso dizer, é que sai dali, enriquecida no plano humano, moral e espiritual”.*

Maria Teresa, uma jovem deficiente de San Demetrio, expressa sua gratidão escrita num belo pergaminho. Ela quis também, expressar seu reconhecimento à Irmã Marguerite e aos jovens através de uma bela dança irlandesa de outrora: *As cores para a alegria da vida.* Em seguida, por unanimidade, os habitantes de San Demetrio se dirigem aos Vicentinos dizendo: *“Obrigado! Mas não nos abandonem! Fiquem aqui conosco!”* Estes habitantes permanecem muito ligados às Filhas da Caridade, pois elas viveram com eles até estes últimos anos. Eles guardam delas, boas recordações.

Conclusão

Partilhamos nossa profunda admiração funda diante da coragem e da força interior dos habitantes das Abruzzes. Mangas arregaçadas, com ferramentas pesadas nas mãos, eles já estavam tentando remover os escombros começar as novas construções.

Irmã Maddalena CASTRICA
Filha da Caridade

TESTEMUNHO DAS IRMÃS

Encontro internacional da Associação
da Medalha milagrosa

15-20 de novembro de 2009,
Casa Mãe das Filhas da Caridade em Paris

O terceiro Encontro Internacional da AMM, convocado pelo Padre Grégory Gay, seu Diretor geral, realizou-se na Casa Mãe das Filhas da Caridade, de 15 a 20 de novembro de 2009. Este Encontro encerrava o ano jubilar. Com efeito, em 8 de julho de 2008, o Padre Grégory tinha inaugurado um Jubileu, para celebrar o centenário da Associação aprovada pelo Papa Pio X, em 8 de julho de 1909.

Este 3º Encontro reuniu delegados de 26 países. Alguns vieram de longe: Austrália, Tailândia, Filipinas, Índia, Chile, Peru, Estados Unidos, Congo, Ucrânia, e dos diferentes países europeus, americanos, africanos. Ao todo, 21 Lazaristas, 14 Filhas da Caridade, 2 religiosas de outras Congregações e 26 leigos. Cada delegação, formada de 1 a 4 membros no máximo, teve por missão estudar os novos Estatutos Internacionais em vista de sua aprovação.

No dia 16 de novembro pela manhã, o Superior geral e Irmã Evelyne Franc, Superiora geral, acolhem os delegados com muita cordialidade, expressando sua grande estima pela Associação e seu desejo de que ela seja sempre fiel aos objetivos propostos pela Virgem Maria a Santa Catarina Labouré, quando ela lhe pedia a criação da Associação que o Padre Aladel devia fundar.

O objetivo principal deste Encontro, era atualizar os Estatutos da Associação para o século 21, em fidelidade à estrutura aprovada pela Igreja em 1909, e às necessidades do mundo e da Igreja de hoje. Esta Associação nasceu para divulgar a mensagem da Medalha, catequese da História da Salvação, e para revelar o amor evangélico simbolizado pelos sinais da Medalha. Esta é o vínculo que une os membros: eles devem recebê-la, usá-la, referir-se a ela, rezar a Maria com a invocação: *“Ó Maria concebida sem pecado, rogai por nós que recorremos a vós”*.

Nos Estatutos da Associação, o Papa Pio X a designou como uma Associação de fiéis que têm a missão de propagar a Medalha e sua mensagem e de aprofundar sua devoção marial. Definir a Associação como uma Associação de fiéis vai além de uma simples Associação de leigos. Todos os membros do Povo de Deus podem se engajar nela: leigos, padres, religiosos, membros de Institutos de vida consagrada ou de Sociedades de vida apostólica. O Superior geral desejando-lhes as boas vindas, dizia: *“Estou feliz de estar com vocês, somos todos membros da Associação da Medalha milagrosa e, como membros, temos o direito de falar, partilhar entre nós, quer sejamos padres diocesanos ou de congregação, religiosos (as), Filhas da Caridade, leigos comprometidos na Igreja. É algo único na família vicentina: a AMM reúne, em grande parte, os membros de todo estado de vida”*.

Durante este Encontro, os delegados, distribuídos em seis grupos linguísticos, estudaram o texto dos novos Estatutos, proposto pelo Conselho Internacional da AMM. Com a ajuda das Irmãs tradutoras da Casa Mãe, eles trocaram ideias por um bom tempo e prepararam o texto que será apresentado à Santa Sé para a aprovação.

Num dos dias, os delegados foram em peregrinação a Fain-les-Moutiers, lugar do nascimento de Catarina Labouré. Na Igreja paroquial, junto a pia batismal onde Catarina foi batizada, eles renovaram suas promessas batismais. A comunidade das Irmãs os acolheu com muita fraternidade.

No dia 20 de novembro, o Superior geral encerrou o Ano Jubila da AMM com uma Eucaristia solene na Capela das aparições. Foi uma graça poder celebrar o Centenário da Associação no mesmo lugar das Aparições da Virgem Maria a Santa Catarina.

Embora este Encontro tenha sido focalizado mais sobre o estudo dos Estatutos, a Virgem Maria confortou nosso dinamismo missionário para manter sua formulação em fidelidade à Associação, no coração da Igreja do terceiro milênio. Tivemos a sorte de rezar longo tempo na Capela e de nos deixar impregnar pela mensagem de Maria a Santa Catarina. É um tesouro do qual nunca terminaremos de descobrir, o dinamismo extraordinário de graça para o mundo de hoje.

O acolhimento das Irmãs da Casa Mãe foi extraordinário e contribuiu para o clima de cordialidade que recebemos. Quero expressar toda a minha gratidão à Irmã Evelyne Franc e à todas as Irmãs por tantos gestos fraternos.

Padre Enrique Rivas, cm.
Subdiretor Internacional da AMM.

NOTÍCIAS BREVES

Por ocasião da morte de Irmã Vittoria Camiolo, antiga Visitadora da Província de Nápoles, responsável pelo Gabinete médico de Lourdes, Sandro De Franciscis, antigo voluntário vicentino, escreveu:

“Quando soube da notícia sobre a morte de Irmã Vittoria, não conseguia acreditar. Muito triste, corri até a gruta de Massabielle para confiá-la ao Senhor. Perto da Virgem Maria, encontrei a serenidade e a certeza de que Irmã Vittoria está no Paraíso e sorri para mim. Conheci Irmã Vittoria quando eu era estudante na Universidade de Nápoles. Durante 40 anos, ela foi o ponto de referência e de apoio para muitos estudantes. Visitando-a, descobrimos sua confiança na Virgem Maria e ela nos ajudou a nos engajar junto aos pobres, em colaboração com a família vicentina. Com ela, aprendemos a conhecer São Vicente, Santa Luísa e os santos da família. No ano passado, ela me ajudou a discernir sobre o meu compromisso no Gabinete médico de Lourdes. Encorajou-me a deixar o meu país para me colocar a serviço dos peregrinos doentes “nossos Senhores e Mestres”.

Por ocasião da visita do Diretor geral à Região da Albânia

Em 1927, a Província da Eslovênia abria, pela primeira vez, uma missão no Kosovo, na paróquia de Letnica. Depois de alguns anos, algumas jovens entraram na Companhia. Após 50 anos de um regime comunista, a Albânia abria suas portas a Deus. Em 1992, abria-se a primeira casa em Durrës (hoje, casa regional). Desde então, a Região da Albânia conta com 3 comunidades na Albânia e 6 no Kosovo. No total, 53 Irmãs albanesas (dentre as quais uma eslovena). A Albânia e o Kosovo são dois países que têm a mesma cultura e a mesma língua, mas que foram separados pela história.

Todas as Irmãs se preparavam para a chegada do Padre Alvarez, em visita à nossa região, relativamente jovem. Este acontecimento alegre se tornou inesperadamente difícil na véspera da chegada do Padre. Uma grande precipitação de chuva caiu em nossa cidade costeira de Durrës; à meia-noite, a água inundou o pátio e entrou na casa. Durante horas, nós lutamos, mas em vão. Nossas forças humanas não puderam resistir a esta chuva torrencial. No dia seguinte, limpamos a casa, todo o térreo estava inundado. Isto não impediu o Padre de se reunir com as diferentes comunidades de nossa Região. Em Stublla, ele conversou com muitas pessoas idosas que vivem sozinhas e na pobreza porque, antes da guerra do Kosovo, muitos croatas voltaram para a Croácia, mas os idosos ficaram sozinhos, sem recursos, em suas casas. Obrigado, Padre, por sua visita tão dinamizadora. (Irmã Donata Bardhaj), (Irmã Donata Bardhaj, correspondente dos Ecos).

ESPECIAL DO 350º ANIVERSÁRIO DA MORTE DOS FUNDADORES

Santa Luísa de Marillac

Século XX:

história – memória – meditação

No início do século XX, Mère Marie Julie Kieffer é Superiora geral da Companhia das Filhas da Caridade e Padre Fiat é o Superior geral de acordo com as decisões das origens.

A Lei de 1º de junho de 1901, acabava de decretar que, nenhuma Comunidade religiosa podia subsistir na França se não estivesse autorizada: as Congregações já reconhecidas podiam beneficiar da autorização somente para as obras e nas condições previstas por seus estatutos, e finalmente, o reconhecimento legal concedido a uma Congregação não se prolongava mais, como no passado, a todos os seus estabelecimentos particulares; ninguém poderia existir no futuro, sem um decreto especial de autorização ou pelo menos, sem um pedido de autorização que lhe seria uma garantia, esperando a decisão governamental. Sob o risco de dissolução ou de fechamento, congregações ou estabelecimentos deviam conformar-se a estas prescrições dentro de 4 meses. As primeiras expulsões acontecem em janeiro de 1903: as Irmãs da Misericórdia de Béziers, verdadeira Casa de Misericórdia, prestativa a todas as misérias desde 1693. Suportado este choque, outros o seguiram: 90 fechamentos se sucederam ao longo do ano de 1903. Em julho deste mesmo ano, morreu o grande Papa Leão XIII.

No meio destas tristezas e de tantas outras nuvens aglomeradas, Deus logo fez brilhar seu arcoíris. O processo informativo sobre a heroicidade das virtudes da venerável Luísa de Marillac tinha terminado. Chegara a hora de constatar o estado dos restos do corpo da serva de Deus. A exumação já tinha sido feita em diversas etapas e sempre com um grande respeito às prescrições canônicas e, ao mesmo tempo, ausência de todo ato de culto que fazia desta o prelúdio, como a pedra de espera daquela que se preparava. Finalmente, em nome da Santa Igreja, o corpo de nossa Santa Fundadora, usado nos trabalhos da caridade e envolvido nos véus da humildade, ia por algumas horas sair do túmulo e nele só ser recolocado com a esperança de que logo, ele mudaria as sombras pelos raios luminosos do altar¹.

Em 29 de março de 1905, um grupo de Missionários e as Irmãs do Seminário estavam reunidos na Capela. Dom Legoux, protonatário apostólico e presidente do tribunal eclesiástico, constituído para examinar a causa de Beatificação, entram no santuário, seguido dos outros membros do tribunal, três médicos e alguns trabalhadores. Todos aqueles que deviam contribuir para a abertura do túmulo e tocar nas relíquias prestaram juramento ao pé do altar.

Em seguida, começou a primeira parte da cerimônia, em meio a um silêncio que deixava perceber até o menor toque da picareta e do martelo. Finalmente, a caixa contendo os preciosos restos parecem intactos fora da terra; ela foi colocada sobre uma maca e transportada para a sala de Retiro, entre uma dupla fila de Irmãs do Seminário e Irmãs de hábito com velas nas mãos. Na entrada da sala, os bancos tinham sido substituídos por duas grandes mesas cobertas com linho branco; a caixa foi colocada sobre uma das mesas e, logo, diante da comissão eclesiástica e leiga da comunidade que estava sentada em frente, ela deixou ver o tesouro que continha. À medida que os ossos apareciam e que o esqueleto se reconstituía, a emoção aumentava. Os juízes e médicos contemplavam a admirável conformação do crânio.

Depois que todas as formalidades canônicas tinham sido cumpridas e que as Irmãs e os Missionários desfilaram lentamente diante dos preciosos restos mortais, eles foram recolocados, com uma ata da cerimônia, numa caixa em carvalho, embelezado de lâminas de cobre e uma outra caixa no túmulo, esperando o dia em que nos seria, enfim, permitido dizer:

“Bem-aventurada Luísa de Marillac, rogai por nós”

Esta longa introdução já nos põe em presença daquela que nós chamamos, hoje, Santa Luísa de Marillac, em seu ser e seu fazer, pela fundação da Companhia, a organização e a administração desta obra de caridade, querida por São Vicente e realizada, por Santa Luísa de Marillac. Antes de fundar a Companhia, Luísa tinha passado por momentos difíceis, em seu corpo e em sua alma. A Luz de Pentecostes fez o resto. Depois da morte do Senhor Le Gras, Luísa não procurava apoio senão em Deus. Dom Camus, seu diretor, na época, que a via desejosa de se doar inteiramente às obras de piedade, pensa apenas em firmá-la e acaba confiando-a a Vicente de Paulo, sob o conselho de São Francisco de Sales. Muito respeitoso com sua nova penitente, ele espera a hora de Deus e esta chega neste ano de 1626. Feliz com esta decisão, ele a parabeniza pela resolução que tomou de se dedicar no serviço dos pobres:

“Sim, finalmente, minha querida demoiselle! Eu sempre desejei isso. E como não? Se foi Nosso Senhor quem lhe deu esse sentimento? Portanto, comungai amanhã e preparai-vos para a salutar revisão que vos propondes fazer. Depois dela, começareis o santo retiro que vos prescrevestes. Não saberei expressar-vos o quanto meu coração deseja ardentemente ver o vosso para saber como se passaram as coisas... Quero porém mortificar-me, pelo amor de Deus, o único ao qual acredito que o vosso esteja entregue. Coragem! Eu me imagino como as palavras do Evangelho de hoje vos tenha impressionado vivamente, pois, são tão insistentes no coração que ama com um perfeito amor. Oh! Que bela árvore fostes hoje aos olhos de Deus, por haverdes produzido semelhante fruto! Sede sempre esta bela árvore de vida que produz frutos de amor, e, que eu seja neste mesmo Amor, Mademoiselle”.

Seu humilde servo, Vincent Depaul
(Abelly, Livro I, capítulo III - Doc. 13, p. 25)

Colocando-se sob a orientação de Vicente de Paulo, Luísa de Marillac abandona seu nome de Le Gras. Doravante, ela será Luísa de Marillac, colocando à disposição de seu Diretor, sua atividade e sua docilidade.

À medida que ela descobre as ações caritativas deste homem apostólico, ela se sente impelida a consagrar sua vida ao serviço dos pobres e cooperar em seus santos empreendimentos, de acordo com suas forças. Comunicando seu desejo ao Padre Vicente, ele não julga a propósito responder tão rapidamente. Ele quer antes conhecê-la mais e a observa durante vários anos. No entanto, durante este período, ele usa sua bondade, para as obras de caridade. Ela faz trabalhos de costura em casa, para os pobres e ele lhe pede também, que aproveite de suas relações de amizade, para ajudar “algumas jovens pobres”. Gobillon nota “Esta espera que, para ela, foi uma espécie de noviciado, serviu apenas para aumentar e consolidar mais sua resolução e fazê-la abraçar, durante este tempo, todas as ocasiões de caridade que puderam se apresentar”².

A HORA DE DEUS

De 1626 a 1629, Padre Vicente a apóia e encoraja: “sede, pois, sua querida filha, bem humilde, bem submissa e toda cheia de confiança e esperai sempre pacientemente, a manifestação de sua santa e adorável vontade”³. Os conselhos de direção são firmes.

Fim de junho de 1627, em resposta a uma carta de Mademoiselle, Padre Vicente responde: “... falaremos do outro no primeiro encontro, digo o de seu confessor. No entanto, faça o que ele lhe aconselha e tudo o que seu fervor propõe...”⁴. Padre Vicente pede também sua ajuda para as obras da Missão. Depois de ter recebido uma oferta, ele lhe pede para “... enviar pelo senhor Padre Du Courdray, portador desta, a soma de cinquenta libras... e ainda quatro camisas e apresentareis, por favor, nossas muito humildes recomendações...” ao doador⁵. O sábio Diretor a esclarece em suas inquietações de consciência, de se confiar sem temor, ao guia que Deus deu. “É evidente, Mademoiselle, que é bom observar os afetos mais ardentes que agitam o vosso coração, a fim de fazer vosso possível, para sempre ajustá-los ao nível da santa e adorável vontade de Deus. E vós fizestes bem, nesta dúvida, de pedir esclarecimentos sobre isso, para fazer o que Nosso Senhor vos pede, sem temer que eu seja responsável por isso. Saiba mais uma vez, Mademoiselle, que uma pessoa que Deus designou, em seu conselho, para ajudar uma outra, não se sinta também, sobrecarregado pelos esclarecimentos que ela pede...”⁶

A correspondência entre Padre Vicente e Luísa de Marillac durante o ano de 1629 é marcada por uma mudança de nome. Esta não é mais “a querida filha”, mas “Mademoiselle” com a saudação que as Filhas da Caridade utilizaram, durante séculos, em suas correspondências: “a graça de Nosso Senhor esteja conosco para sempre”. Emmanuel de Gondi tinha entrado recentemente no Oratório. Ele pede ao Padre Vicente para ir encontrá-lo em viagem. Vicente anuncia isto por carta à Luísa de Marillac “... vosso coração vos diz de vir aqui, Mademoiselle? Se assim é, seria necessário partir quarta-feira que vem, pelo coche de Châlons-en-Champagne... e teremos a felicidade de nos ver em Montmirail”⁷.

Mademoiselle aceita, é sua primeira viagem. Ela vai a Montmirail, com as instruções de Padre Vicente datadas de 6 de maio de 1629:

“Ide, então, mademoiselle, ide em nome de Nosso Senhor. Peça a sua divina bondade que lhe acompanhe, que seja a sua consolação no caminho, sua sombra contra o ardor do sol, o abrigo da chuva e do frio, cama macia em sua fadiga, sua força no trabalho e que, finalmente, a traga com perfeita saúde e cheia de boas obras...”. Algumas precisões referentes à presença nas aldeias são tiradas de um conselho “quando digo dois dias, vossa caridade tomará mais, se for necessário, e nos fará a caridade de nos escrever”⁸.

Seu primeiro biógrafo precisa que ela era “acompanhada em suas viagens por algumas Senhoras piedosas, e viajava em conduções bem desconfortáveis, sofrendo muitos incômodos, vivendo e caminhando pobremente, para tomar mais parte da miséria dos pobres. Quando chegava no povoado, reunia as mulheres que estavam associadas na Confraria da Caridade, dava-lhes as instruções necessárias para bem cumprir este serviço, animava-as pelo fervor dos seus discursos, trabalhava para aumentar o número destas, aquecia o que estava frio, elevava o que estava caído, consolidava e aperfeiçoava o que estava estabelecido”⁹

Depois de ter ajudado no alívio das enfermidades do corpo, ela trabalhava para curar as doenças da alma; e como a ignorância é o princípio desta, ela utilizava todos os cuidados para destruí-la, reunia as meninas do campo, para ensinar-lhes os artigos da fé e os deveres da vida cristã. Padre Vicente acompanha Mademoiselle de perto, devido a novidade, o cansaço causado pelos caminhos ruins, a grande miséria nos campos, ele lhe recomenda cuidar, particularmente, de sua saúde: “tenha em todas estas coisas cuidado com vossa saúde que eu peço a Deus conservá-la...”. E Luísa faz a experiência de vivência do Evangelho em seu ser mais profundo, ela que desejava doar-se a Deus, vive agora em presença constante de Deus, desta verdade evangélica, o que ela faz ao menor de seus irmãos, é a Deus, na pessoa de Cristo encontrado neles, que ela o faz.

A atividade aberta por Luísa de Marillac nas visitas das Confrarias é verdadeiramente uma etapa que a prepara para sua futura missão. A formação que ela adquire, se realiza através das instruções que Padre Vicente lhe dá, mas também, a partir da experiência de vida que lhe traz o contato direto com os pobres, a observação atenta de suas necessidades, em relação com a diversidade dos apelos, a descoberta das carências a nível do serviço. Dia após dia, Luísa se forma em contato com as realidades concretas que a inspiram em sua maneira de agir em pensamento e em ação. Seu Diretor a mantém numa sábia reserva, repousando essencialmente sobre a confiança no amor e a Providência de Deus. “Nosso Senhor, sobre os passos da Providência nos quais vós caminhais, será ele mesmo quem proverá tudo. É necessário deixar a Ele o cuidado e permanecer em paz”.¹⁰

É lado a lado com a Providência que a colaboração se estabelece numa confiança tanto total quanto recíproca. Padre Vicente dirige os esforços de Luísa de Marillac, mas ele recolhe também, de boa vontade suas opiniões judiciosas e as considera. No retorno das visitas, Luísa de Marillac remete ao Padre Vicente, relatórios bem claros nos quais ela assinala as diversas carências que constatou. Percebe-se claramente a necessidade de remediar estes abusos.

MISSÃO EM PARIS

Nas aldeias dos campos, Padre Vicente havia descoberto a miséria física, moral e espiritual do bom povo de França. Mas, ao mesmo tempo, as cidades, começando por Paris, tinham seus pobres que apodrecia nas favelas ao ar livre. Mademoiselle conhecia. Guiada pelo olhar de Padre Vicente vigilante a todas as misérias, ela descobria, mais em profundidade, a imensa angústia da capital.

Ela organizou a primeira Confraria parisiense São Salvador, criada por Padre Vicente, que declinava. Foi um sucesso e Padre Vicente, todo feliz, parabeniza Mademoiselle. No ano seguinte, em 1630, munida do consentimento do vigário, Mademoiselle estabelece a segunda Confraria parisiense, em sua própria paróquia a São Nicolau de Chardonnet. Ela convidou algumas Senhoras a se unir a ela, onde ela mesma, generosa em sua dedicação, não hesita a expor sua vida indo visitar uma menina que tinha a peste. É ainda por Padre Gobillon que nós sabemos os nomes das Confrarias que foram criadas em Paris, no ano de 1631: nas paróquias de Santo Eustáquio, São Bento, São Sulpício, e São Merry, logo seguida, a de São Paulo, São Germano Auxerrois e Santo André. Luísa de Marillac, eleita presidente, assumiu a responsabilidade de colocar simples camponesas, com as Senhoras da alta sociedade parisiense.

EM PROVÍNCIA

A respeito do início destas criações e das visitas das Confrarias na periferia parisiense, Gobillon escreve sobre Mademoiselle: *“era um astro num movimento perpétuo que irradiava suas luzes e suas influências”*.¹¹

Padre Vicente está informado. Nas Têmporas de Natal, ela vai a Asnières, a Saint-Cloud, em 5 de fevereiro de 1630. Este dia era o dia de aniversário de seu matrimônio. Naquela manhã, Padre Vicente celebra a missa de núpcias. Ela mesma conta: *“na sagrada Comunhão pareceu-me que Nosso Senhor me dava o pensamento de recebê-Lo como o esposo de minha alma, e mesmo, que isso estava se realizando em mim, à moda de esposais, e me senti tão fortemente unida a Deus por esta consideração que me foi extraordinária, e tive o pensamento de deixar tudo para seguir meu Esposo e de olhá-Lo doravante como tal, suportando as dificuldades que encontrasse como vindas da comunhão de seus bens”*. (E. 6 – p. 799).

Luísa de Marillac tem o hábito da oração. Neste momento, Nosso Senhor está presente em sua vida e em sua pessoa. Esta experiência sobrenatural deixa-lhe um sentimento de bem-estar e tudo o que ela ressentia a atrai ao presente de sua vida. Padre Vicente se preocupa e em 19 de fevereiro, ele a escreve: *“Louvo a Deus, Mademoiselle, pela saúde que estais tendo para trabalhar na salvação de sessenta pessoas. Peça-vos, entretanto, informar-me exatamente, se falando com tanta frequência, vosso pulmão não se ressentia, assim como a vossa cabeça, com tamanha confusão e barulho...”* e nesta mesma carta, ele lhe pergunta se *“a boa menina de Suresnes que já esteve convosco noutra ocasião e que se dedica ao ensino de moças, foi falar convosco, como me prometeu no último domingo, quando veio aqui e aguardo notícias vossas...”*¹³.

Beauvais

Em dezembro do mesmo ano, ela vai a Beauvais para terminar o que Padre Vicente tinha tido dificuldade a organizar. Apesar das queixas suscitadas contra Padre Vicente, ela conseguiu maravilhosamente. Ela tocava os espíritos, de forma que Padre Vicente se viu obrigado de preveni-la e de lhe dizer: *“Uni vosso espírito aos escárnios, aos desprezos e aos mal tratos que o Filho de Deus sofreu. Quando fordes estimada e honrada, tende Mademoiselle, um espírito, verdadeiramente, humilde e humilhado, tanto nas honras quanto nos desprezos”* (Coste I, 98).

Gobillon escreve que ela *“vê este aviso como uma precaução benéfica em meio aos elogios que recebeu nesta viagem”*. Não obstante, Mademoiselle não diminua em nada o seu zelo, de maneira que os homens vinham escondidos para escutá-la e ficavam enternecidos por suas palavras (Gobillon p. 37). Ela

deixa Beauvais um pouco em odor de santidade, porque por sua oração, uma criança tendo caído debaixo de uma roda de sua carroça, levantou-se e caminhou livremente. O fruto de seu trabalho foi o estabelecimento de 18 Confrarias nas paróquias de Beauvais. Padre Vicente fica, certamente, feliz com este sucesso em Beauvais, mas ele é também, o Diretor espiritual que cuida do amadurecimento da vocação de Luísa de Marillac pela observação que ele a faz em sua carta “*quando fordes estimada e honrada, tende Mademoiselle, um espírito, verdadeiramente, humilde e humilhado, tanto nas honras como nos desprezos e fazei como a abelha, que faz seu mel tanto do orvalho que cai no absinto quanto do que cai na rosa; Espero que façais assim...*”¹⁴

Meditação

Como explicar o mistério desta vida, em oração e em ação, preparando de longe a fundação de uma Comunidade tendo por objetivo “*fazer o que Filho de Deus fez na terra*”, de amar Nosso Senhor, servi-Lo corporal e espiritualmente na pessoa dos pobres?”

Ao longo dos três anos em que Luísa de Marillac missiona pela caridade, sua vocação amadurece através de todos os acontecimentos da vida depois que, livre de si mesma, ela se entrega verdadeiramente a Deus. Não faltaram provações e elas a ajudaram a desprender-se de si, de sua família e do mundo. Uma pena pessoal durante uma viagem que Padre Vicente qualifica de “*história sem objeto*”, lembra a sua força de caráter, recordando-lhe que o que ela não compreende hoje, compreenderá mais tarde.

Os sofrimentos familiares continuam. Enquanto Mademoiselle visita as Caridades, a família real está em crise. No dia 10 de novembro de 1630, um golpe de Estado tenta afastar Richelieu, o primeiro ministro de Luís XIII. Mas esta ação fracassou. Os protagonistas deste golpe de Estado, no qual Miguel de Marillac, são presos e postos na prisão. Alguns meses mais tarde, seu irmão Louis é também preso e morre decapitado em maio de 1632. No final do mesmo ano, Miguel morre em sua cela. Perdendo seus dois tios, Luísa perde um pouco dela mesma. Dom Baunard, biógrafo de Luísa, relaciona à data da Assunção de 1632 esta carta de Padre Vicente à Mademoiselle: “*Peço à Santíssima Virgem de elevar vosso coração ao céu e colocá-lo no seu e no de seu querido Filho*”. Os dolorosos acontecimentos são vividos por Luísa na fé. Ela continua as visitas das Confrarias porque, bem depressa, percebeu que muitas coisas não estavam bem; as Senhoras impedidas de ir às casas dos pobres enviavam suas servas, privando assim, os pobres do afeto, da atenção dos começos da Confraria.

A Hora de Deus é, neste momento preciso, dolorosa para Luísa, “de onde lhe virá o socorro!” Margarida Naseau lhe é enviada por Padre Vicente. O encontro é decisivo para Margarida como para Luísa. Padre Vicente não lhe havia escrito um dia: “*Nosso Senhor quer servir-se de vós para algo que se refere a sua glória e estimo que a conserve para isso*”¹⁵. (continua)

Irmã Claire HERRMANN
Serviço dos Arquivos

Notas

¹ – Relato do exame dos restos mortais da Serva de Deus

² - Gobillon, cap. IV

³ – Cópias textuais das cartas de São Vicente à Luísa de Marillac, 30 de outubro de 1626

⁴ - Quarta carta, cópias textuais p. 5

⁵ - Carta de São Vicente à Santa Luísa, 8 outubro 1627

⁶ - Décima carta, cópias textuais, p. 13

⁷ – Cf. Documentos n° 23, p. 25-26

⁸ - Avisos para uma viagem a Montmirail: décima primeira carta, cópias textuais, cartas de São Vicente à Luísa de Marillac

⁹ - Gobillon IV, 35 (1676)

¹⁰ - Coste I, Carta de 6 de maio de 1629

¹¹ - Coste I, p. 218

¹² – 17ª carta - cópias textuais p. 23, Carta de São Vicente à Luísa de Marillac

¹³ - Coste I, 75-76

¹⁴ - Coste I, 98 – Padre Vicente à Luísa de Marillac "moderação no zelo e regras de condução para a direção da Confraria".

¹⁵ - Coste I, 186

PREPARAÇÃO DO ANO JUBILAR DO 350º ANIVERSÁRIO

Influência mútua de Vicente e Luísa na fundação da Companhia das Filhas da Caridade

Introdução

Sabemos que tanto São Vicente quanto Santa Luísa estavam convictos de que Deus lhes falava não somente na oração e na Sagrada Escritura, mas também, através dos acontecimentos do dia a dia. Experimentar a presença divina em cada acontecimento, era ao que se referia São Vicente quando dizia às Irmãs: “(a oração) ... não a deixemos nunca e não deixemos passar tempo algum sem estarmos em oração...” (Conf. p. 277). Da mesma maneira, pela expressão: “não passar adiante da Providência...” (Coste I, p. 68), queria dizer que devemos examinar à luz do Espírito tudo o que acontece a cada momento.

As Filhas da caridade

Estes pontos devem ser levados em conta quando analisamos a fundação das Filhas da Caridade, pois não podemos dizer que os Fundadores foram os seus verdadeiros criadores, mas antes seus autênticos promotores. O esboço da Companhia já tinha sido feito por outros antes deles, mas as circunstâncias não permitiram sua realização. Vicente e Luísa, após um tempo de experiência, darão provas de audácia, tenacidade, sabedoria e de uma santidade abnegada com a qual o Espírito Santo os envolveu na Noite contemplativa e que os levou a não passar adiante da Providência, mas a saber colaborar com ela, no momento oportuno, pelo bem dos pobres. Porque eram santos, tanto São Vicente como Santa Luísa, souberam escutar a voz de Deus que lhes falava por meio da situação lamentável na qual se encontrava os pobres.

Os fatos históricos

Quem foi o primeiro a escutar o chamado divino? Não se sabe e nem tem muita importância. Vicente de Paulo relata os fatos cinco vezes, e em quatro, atribui a iniciativa à Margarida Naseau, e somente num relato – e não é o mais longo – ele atribui a si a primeira decisão¹. Creio que foi Margarida quem, inconscientemente, teve a ideia de substituir estas servas que trabalhavam por um salário, por jovens que o fariam por amor e vocação, e se ofereceu para realizar esta tarefa. Em seguida, outras muitas a seguiram. O Diretor das Caridades, Vicente de Paulo, devia renovar as Caridades e Mademoiselle Le Gras o apressava a fazê-lo, se quisesse, por um lado, ser fiel ao desejo que Deus a tinha revelado nesta Noite mística: de ajudar os pobres; e, por outro, ser criativo para ser, igualmente, fiel a Deus que lhe falava através das necessidades dos pobres.

A renovação das Caridades se fez lentamente. São Vicente, Santa Luísa e Margarida Naseau falaram sobre isto várias vezes (Coste I, p. 76). Lendo as cartas tiro a conclusão de que nesta renovação, Santa Luísa tem a mesma influência que São Vicente: ela influencia diretamente ou indiretamente São Vicente, para que aceite renovar as Caridades, deixando as Jovens que se apresentavam trabalhar nelas. É Luísa quem as acolhe em sua casa e as forma para o serviço. Ela as distribui nas paróquias, considerando que, Margarida age como modelo e atrai assim novas servas.

Quando as primeiras jovens chegam, elas se adaptam nas Caridades sem dificuldades. Substituem as servas que eram remuneradas e o fazem por vocação. Como as anteriores, elas dependem da Superiora presidente de cada Caridade, mas Santa Luísa é a responsável pela formação e a destinação destas jovens.

Dois anos depois, os dois Santos começam a hesitar entre aceitar as leis da Igreja, as normas civis (costume) sobre as classes sociais², e ser fiel ao apelo de Deus através das necessidades dos pobres. Neste momento, eles devem manifestar uma criatividade audaciosa para modificar as Caridades de acordo com as circunstâncias do momento. São Vicente sabia que muitos projetos maravilhosos, utópicos ou não, ficavam

alheios por falta de não terem sabido unir a fidelidade aos costumes sociais e eclesiais com a audácia criativa. Santa Luísa, certamente o sabia, mas sete anos depois da morte de seu marido, ela estava ainda, atormentada pelo complexo de culpa, que sentira durante a Noite mística, por não ter sido religiosa como prometera a Deus quando jovem. Este complexo esteve a ponto de fazer fracassar a missão que Deus lhe tinha confiado; felizmente, Vicente de Paulo descobriu a tempo os pensamentos de Mademoiselle Le Gras e lhe indica o caminho.

Por volta de 1632, ele lhe escreve opondo-se ao que ela tenta fazer: *“Alegro-me com o estabelecimento destas boas jovens, louvo vosso desejo de dar-lhes alguma imagem, mas não que dê lugar aos pensamentos que vos ocupam sobre este assunto. Sois de Nosso Senhor e de sua santa Mãe; permaneci firme neles e no estado em que eles vos colocaram, esperando que a manifestem que desejam outra coisa de vós”* (Coste I, p. 79).

A palavra *“estado”* no contexto da carta pode significar classe, ambiente ou situação social na qual uma pessoa vive, mas também, a situação civil ou religiosa: solteira, viúva ou religiosa. Sem forçar o sentido da carta mas, ao contrário, ajustar com o pensamento de Vicente de Paulo, penso que aqui se trata de uma mudança civil e religiosa, isto é, *“tornar-se religiosa”*, concluo que Luísa pensava nisso. Mas São Vicente se opunha a isto, tinha descoberto o papel que esta colaboradora muito delicada e dinâmica poderia desempenhar no projeto que estava elaborando mentalmente em favor dos pobres.

Pouco tempo depois, Vicente de Paulo se opõe novamente com firmeza aos propósitos de sua dirigida: *“Quanto ao resto, rogo-vos uma vez por todas que não pense nisso, até que Nosso Senhor manifeste que o quer, pois agora dá os sentimentos contrários a isto... Buscais tornar-vos serva destas pobres moças, e Deus deseja que sejais a sua e, talvez, de muitas pessoas das quais não serieis desta maneira; e enquanto não fordes senão a sua, não basta para Deus que vosso coração honre a tranquilidade do de Nosso Senhor?”* (Coste I, p. 113-114).

A partir desta carta, vejo que Vicente se opõe que Luísa e suas filhas mudem de estado porque, neste novo estado, elas não serviriam o próximo. Hoje, isto não nos surpreende. Vicente de Paulo repete a Luísa que Deus tem *“talvez”* desígnios sobre ela para servir muitas pessoas... ele não especifica onde ela as servirá, em que situação: se numa futura Confraria ou nova Companhia, fazendo parte das Caridades, ou visitando-as, ou em um convento?

Este projeto de Luísa é assunto de numerosas conversas entre ela e São Vicente, que sem dúvida, consideram como algo vital para a Igreja e para os pobres. Nas conversas e na oração, Vicente acaba tendo a convicção sobrenatural que será decisivo para o futuro: *Luísa tem uma missão divina a cumprir, mas com as Jovens e para o bem dos pobres.*

Tenho a impressão que foi neste momento, que os dois santos pensaram em agrupar as jovens numa Caridade especialmente para elas. Luísa parece ter concordado sem hesitação e, provavelmente, com seu temperamento, querer que isto fosse feito rapidamente. Tenaz como era, não deixa de insistir contra ventos e marés.

Em maio de 1633, Vicente tenta moderá-la: *“Em relação ao assunto de vosso emprego, não tenho ainda o coração bastante esclarecido diante de Deus devido a uma dificuldade, que me impede ver se é essa a vontade de sua divina Majestade. Suplico-vos, Mademoiselle, recomendar este assunto a Deus durante estes dias nos quais Ele comunica mais abundantemente as graças do Espírito Santo, mais ainda, ao próprio Espírito Santo. Insistamos, pois, nas orações e permaneci sempre bem alegre”* (Coste I, p. 200).

Não sabemos qual era essa dificuldade e nem se pode afirmar com certeza: seria para definir as estruturas a construir, ou começar com um mínimo de garantias, porque tratava-se agora de começar? Isto indica que Vicente quer analisar as circunstâncias materiais, humanas, sociais e meditá-las à luz do Espírito Santo.

Em setembro de 1633, Vicente está convicto de que Deus pede algo excepcional de Luísa, e mais concretamente, que reúna-se com as Jovens numa Caridade (Coste I, p. 218). Um mês depois, sob a direção de Vicente, Luísa começou uma experiência de fins de semana (Coste I p. 219). Finalmente, em novembro de 1633, eles decidem fundar a nova Caridade com Maria Joly e outras duas ou três companheiras³. Margarida

Naseau que tinha sido contagiada por uma pobre mulher, à qual emprestara sua cama, já fazia nove meses de falecida (Coste I, p. 238-240).

A Caridade destas jovens era uma das Caridades de Vicente, com um estatuto particular, assim como a Caridade que se fundará (três meses mais tarde) no grande Hospital de Paris (Hôtel-Dieu). Vicente de Paulo é o diretor desta e nomeia Mademoiselle Le Gras, Superiora presidente. Ela será encarregada de governá-la, dirigi-la e administrá-la. Vicente conhecia bem as qualidades e os valores de Luísa de Marillac, confia a ela esta tarefa e coloca a Companhia em suas mãos. O primeiro regulamento bem como o horário foram redigidos por Luísa. Depois de tê-lo lido, Vicente fez poucas observações na margem e propõe que a própria Luísa o explique às jovens. Mas Luísa tem muito respeito e admiração por Vicente, por isso, pede-lhe que o explique às Irmãs, o que ele o faz em julho de 1634⁴.

Penso que a influência mútua, criativa e audaciosa é tão evidente que, brincando de ficção científica e considerando tudo, unicamente de uma forma natural e humana, eu ousaria afirmar que se um dos dois santos tivesse faltado, a atual Companhia das Filhas da Caridade não existiria. São Vicente de Paulo e Santa Luísa de Marillac são, igualmente, Fundadores da Companhia das Filhas da Caridade. Em outras palavras, Deus é o Fundador, eles foram apenas pobres instrumentos. Sem dúvida, foi o que eles, frequentemente, meditaram na oração e comentaram entre si, porque várias vezes São Vicente declarou às Irmãs: *“Aqui temos, minhas queridas Irmãs, como Deus fez esta obra. A Senhora Le Gras não tinha pensado nisso, o Senhor Padre Portail e eu não pensávamos em tal, e essa pobre menina também não. Ora, temos de confessar, e é a regra apresentada por Santo Agostinho, que quando se não vê o autor de uma obra, é porque foi Deus mesmo que a fez. Quem deu o espírito às pobres Filhas da Caridade, referindo-me às boas? Foi o próprio Deus. As Filhas da Caridade que têm o seu espírito, têm o espírito de Deus. Deus começou esta obra; é d’Ele portanto”* (Conf. p. 395).

O carisma de fundação

Analisando os fatos de uma maneira sobrenatural, chegamos ao mesmo resultado: o carisma vicentino é também um carisma “luisiano”.

Não há dúvida que, para fundar a Companhia das Filhas da Caridade, Vicente e Luísa receberam um *carisma* divino que se chama hoje, o *carisma de fundação: uma experiência de Deus* que os impulsiona a buscá-lo, levando-os a refletir sobre suas vidas. Para Vicente, isto começou durante o seu cativeiro, em seguida, quando é acusado de roubo e por ocasião de seu encontro com Bérulle que o iniciou à oração. Para Luísa, começou em 1607, quando no pensionato sentiu o abandono e a solidão de sua família. Ela recorreu aos Capuchinhos e entregou-se à oração.

A experiência de Deus exerceu em ambos, uma mudança de vida, uma *“segunda conversão”* (como a chama Lallemand, contemporâneo dos dois Fundadores), através de uma Noite mística, em 1617 para Vicente e em 1623 para Luísa. Nesta experiência contemplativa, eles recebem uma *revelação* transmitindo-lhes uma *missão*: dedicar-se ao serviço dos pobres. Sua realização nasce da noite espiritual: Vicente se oferece aos pobres para sair desta Noite. Deus tira Luísa desta Noite para oferecê-la aos pobres. Vicente começa sua missão em Folleville e Châtillon. Luísa a descobre em 1629 quando Vicente a envia em missão a Montmirail (Coste I, p. 73-74).

O carisma vem do Espírito; Vicente e Luísa assumem a fundação da Companhia por uma vida exemplar e uma atividade desinteressada. Mais do que suas palavras, o que contagia, é a personalidade, a vida de ambos e a das primeiras jovens que se reuniam na casa de Mademoiselle Le Gras para começar esta aventura divina. Muitas outras jovens aceitam o carisma dos dois santos e se dispõem a seguir Jesus Cristo. Por isso, podemos dizer que há um único carisma em duas pessoas ou os dois santos receberam o mesmo carisma de fundação.

A influência das jovens

Devemos mencionar aqui, a influência de Margarida Naseau, ou o que dá no mesmo, as jovens que seguiram o seu exemplo⁵, porque tenho a impressão de que a maioria das jovens que passaram a fazer parte da nova Caridade, eram atraídas por aquelas que já haviam entrado, seja diretamente encorajando-as a entrar nesta Caridade, seja indiretamente por seu exemplo. As jovens ou as Irmãs – como as chamavam e se

chamavam entre si – eram mulheres que amavam verdadeiramente os pobres e se mostravam encantadas com sua nova situação; elas se sentiam felizes e arrastavam outras companheiras, amigas ou parentes.

Não se pode negar que outras vieram ou foram enviadas por motivos menos louváveis como: a curiosidade, a atração de conhecer Paris, a capital, lugar onde elas podiam facilmente trabalhar como servas em casas nobres. Elas sabiam que as camponesas eram mais preferidas do que as mulheres da cidade.

Outra má razão, comum a todas as épocas, era a atração que apresenta toda obra nova: uma confraria que se assemelhava às Congregações religiosas, mas com objetivos mais atuais, um carisma mais simples e com uma organização mais moderna e original. Isto parece mais fácil: não precisa de tantos procedimentos como para ser religiosa, não há noviciado nem votos públicos nem clausura. Isto dá uma impressão de facilidade para entrar, viver e até mesmo sair desta, sem muitas complicações jurídicas. Embora não fosse a intenção nem o pensamento dos Fundadores, as Jovens se sentiam livres, sem um compromisso por toda vida.

Havia ainda outras duas motivações menos ilegítimas, mas que deviam ser purificadas. A primeira era o dote, inadmissível para os pobres. Os conventos eram geralmente reservados às mulheres nobres e afortunadas, as pobres só podiam ser *Irmãs conversas*, para os serviços materiais, mas o número era limitado. Enquanto que, nas Filhas da Caridade, um grande número de filhas pobres que respondiam o chamado de Deus, eram acolhidas sem dote. Na realidade, quase todas as primeiras Filhas da Caridade provêm de famílias bem modestas.

A segunda motivação era a falta de estruturas da Confraria nos primeiros anos. Algumas Jovens pensavam simplesmente que esta nova Confraria era como as outras, uma Confraria de mulheres bem dispostas, prontas a fazer o bem aos pobres. E assim, algumas jovens, quando se sentem cansadas, deixam a Companhia. Irmã Maturina Guérin fala disto em seus escritos: *“Sempre ouvi dizer que, (de Santa Luísa) nos começos, vinha uma grande quantidade de moças e ficavam bem pouquinhos e ela sofria vendo essa diversidade de fisionomias; de maneira que, não vendo outra coisa, este sofrimento era quase contínuo”* (Documentos - Irmã Charpy, p. 948).

Clarificar e purificar estas motivações foi o trabalho diário de Luísa. Nesta árdua tarefa, Vicente a apóia e a encoraja por seus diálogos e cartas. Em suas conferências, orienta a mentalidade das Jovens que se uniam ao grupo. Vale apenas citar alguns parágrafos de uma carta que Vicente escreveu à Luísa encorajando-a em sua árdua tarefa de diretora e formadora:

“Quanto ao que me disse delas, não duvido de que sejam tal como me as descreve; mas é de esperar que se farão e que a oração lhes fará ver seus defeitos e as animará a corrigir-se deles. Será conveniente que lhes diga em que consistem as virtudes sólidas, especialmente a da mortificação interior e exterior de nosso julgamento, de nossa vontade, das recordações, da vista, do ouvido, da fala e dos outros sentidos; dos afetos que temos às coisas ruins, inúteis e mesmo das boas, pelo amor de Nosso Senhor, que as tem utilizado desse modo; e será necessário firmá-las nisto, sobretudo na virtude da obediência e na da indiferença, mas como o falar muito a incomoda, faça-o somente de vez enquanto. Será bom que lhes diga que é preciso que sejam ajudadas para adquirirem esta virtude da mortificação, e praticá-las; e eu lhes direi também a fim de que estejam dispostas a isto” (Coste I, p. 277-278).

Durante os dois primeiros anos, nem Luísa nem Vicente têm ideias claras sobre o que pretendiam fazer com este grupo de viúvas e de jovens, provavelmente, queriam algo mais do que uma simples Confraria de pessoas piedosas.

Antes de 1636, as condições exigidas às jovens para serem acolhidas na Confraria eram poucas: desejar pertencer a esta, ser saudável e forte para servir os pobres doentes, ter uma psicologia simples: ter “bom espírito e boa vontade” (Coste I, p. 313 - 315). O resto, poderiam ir adquirindo ou corrigindo. Somente se não se corrigissem, eram mandadas embora.

Durante estes primeiros dois anos, São Vicente pensava muito em São Francisco de Sales e ao que ele dizia sobre a vocação: o sacerdócio ou a consagração a Deus na castidade, a pobreza e a obediência é o que um homem ou uma mulher pode viver de maior. Basta, pois, ter uma certa atração para isto, desejá-lo com uma intenção reta para ter a vocação.

Desde 1636, os Fundadores já falavam às Jovens de vocação à maneira de Bérulle e dos Oratorianos. Eles a apresentam como um chamado para seguir um caminho indicado por Deus e a respondê-lo através do seu engajamento. É o primeiro passo para a passagem da Confraria de Caridade à Companhia das Filhas da Caridade. Esta mudança se confirma pela mudança da Casa da Rua São Vítor, que se tornou muito pequena, para o povoado da “Capela”, periferia da capital, mais perto de São Lázaro onde residia Vicente de Paulo.

Entre 1638 e 1639, a Confraria da Caridade, formada por viúvas e jovens, embora ela não seja ainda reconhecida juridicamente, se torna, com efeito, a Companhia das Filhas da Caridade, bem organizada e independente das outras Caridades. As Senhoras da Caridade do Grande Hospital de Paris o percebem e consideram Mademoiselle Le Gras como a *Superiora* desta nova Companhia. Vicente e Luísa estão convictos de que estas Jovens já formam uma associação, uma Confraria ou Companhia, não só autônoma, mas diferente da das Caridades das Senhoras.

O primeiro dado é uma carta de Vicente à Luísa, em fevereiro de 1638, sobre a direção do estabelecimento onde se recolhiam as crianças abandonadas. Vicente diz que explicou à Senhora Pelletier responsável por este estabelecimento que: “... *para ele, as coisas puramente temporais, tinha que depender das senhoras da Caridade (as do Grande Hospital de Paris); mas que para as coisas espirituais, bem como para a direção das Irmãs, das amas de leite, das criancinhas que iam crescendo, ela teria que falar com Luísa, e para isso, informar-lhe de vez em quando tudo o que se passava, todas as semanas ou, pelo menos, a cada quinze dias*” (Coste I p. 444). Indiretamente, São Vicente declara a autonomia em relação ao governo interno, assim como a independência da Companhia das Filhas da Caridade. Não há dúvida que Vicente concorda com Luísa, visto que lhe fala como de algo que eles já tinham conversado.

O segundo é uma carta que Luísa escreve, em maio de 1639, à Superiora das Beneditinas de Argenteuil (Escritos Espirituais - Irmã Charpy L 9 - p. 29). A situação é a seguinte: na aldeia de Argenteuil (portanto, nos arredores de Paris), havia uma Caridade e duas Filhas da Caridade que cuidavam dos pobres. No convento das Beneditinas morreu uma Irmã conversa e para substituí-la, pensaram numa destas duas jovens, Barbara. Para as religiosas, estas Jovens pertenciam simplesmente a uma associação de leigas piedosas e caridosas⁶. Em seguida, morreu uma outra Irmã conversa e se pensou em outra jovem. Mas, nem Luísa nem a Irmã interessada concordaram, então Luísa escreve uma carta à Superiora onde vemos como o pensamento de Luísa já é bem claro:

“Senhora... Fui avisada disso por uma de nossas Irmãs, servas dos pobres nas Caridades das Paróquias, a quem Deus chamou e pôs nessa condição, há oito anos. Não quis acreditar, Senhora, que tivesse sido vós que procurastes desviá-la de sua vocação. Não sequer imaginar que quem conhece sua importância queira opor-se aos desígnios de Deus, e colocar em perigo a salvação de uma alma, privando ao mesmo tempo, de socorro, os pobres abandonados, expostos a toda sorte de necessidades. Eles são realmente atendidos pelos serviços destas boas jovens que, livres de todos interesse, doam-se a Deus para o serviço espiritual e material dessas criaturas a quem Sua bondade quer considerar como membros seus. Queria Deus, Senhora, que aquela que já está em vossa casa vos sirva a contento e, ela mesma esteja feliz. Quero persuadir-me de que não se sentia chamada ao estado de vida em que se encontrava. Do contrário, seria digna de censura. Suplico-vos porém, Senhora, que não volteis a permitir que, com o conhecimento vosso, sejam provadas desta maneira porque poderia servir de tentação para outras” (Escritos Irmã Charpy - L. 9, p. 29-30).

De acordo com a teologia de seu tempo, Santa Luísa expõe que, embora sejam *seculares*, as Filhas da Caridade não são simples *leigas* e têm uma vocação divina igual as Beneditinas. Esta vocação é eterna pois está enraizada no desígnio eterno de Deus. A diferença entre as duas vocações não está no chamado, mas no objetivo para o qual foram chamadas: as Beneditinas para a oração e a meditação; as Filhas da Caridade para o serviço dos pobres.

Na carta, podemos ver que Luísa já tem uma ideia clara sobre o nome, o carisma, o fim e a natureza da nova Companhia das Filhas da Caridade. Não se pode duvidar que Luísa escreveu esta carta de comum acordo com Vicente, porque ela não teria feito nada, antes de ter consultado seu diretor e superior.

O terceiro dado está na carta escrita às Irmãs de Richelieu: Irmã Barbara Angiboust e Irmã Luísa Ganset (Escritos - Irmã Charpy L. 11, p. 30-32), onde Luísa mostra que tem ideias claras sobre a organização interna desta nova Companhia. Ela expõe claramente as relações entre a autoridade e a obediência, entre a união comunitária e o individualismo, entre a liberdade pessoal e as permissões.

O quarto é a fundação de uma comunidade no Grande Hospital de São João Evangelista na cidade de Angers. No dia 1º de fevereiro de 1640, Luísa de Marillac assina o contrato com os “Senhores Padres Administradores e Pais dos Pobres” do Hospital como “*diretora das Filhas da Caridade, servas dos pobres doentes dos hospitais e paróquias, sob o beneplácito do Superior geral da Congregação dos padres da Missão, diretor das chamadas Filhas da Caridade*” (Coste II p. 1 - documentos - Irmã Charpy N° 280 p. 264). Os Administradores do hospital se opõem a assinar o contrato com uma mulher. Por isso, Vicente apoia Luísa e afirma que por causa da situação particular da Companhia, Luísa está autorizada a assinar este contrato.

Antes de 1640, as Filhas da Caridade se estabeleciam de acordo com as necessidades dos pobres que as Senhoras cuidavam, nas Caridades. Daí em diante, as Filhas da Caridade se desenvolvem ao seu ritmo, sem depender das outras Caridades.

Vicente e Luísa continuam estruturando a Companhia. É formada por comunidades cuja responsável é a Irmã Servente. O lugar de pertença principal é a Casa onde reside a Superiora, Luísa de Marillac é quem detém o governo imediato de toda a Companhia. Mas têm uma particularidade, única neste século: têm um Superior, Vicente de Paulo. Juntos, eles redigem os Regulamentos e as Regras comuns. Ou ela redige e ele corrige ou viceversa. Progressivamente, eles acrescentam os conselhos, o Diretor geral, os votos, o Seminário, etc. até completar as estruturas essenciais, tal como aparecem nas Constituições atuais.

Padre Benito MARTINEZ, cm

Notas

¹ Coste IX p. 77-79, 209, 245, 455-456, 601.

² Quando se fala de classe social, é segundo o sentido do Século XVII, não se trata do sentido moderno de divisão da sociedade em classes em relação à economia, ainda menos o sentido marxista de lutas de classes. É o sentido de Charles Loyseau (1566-1627) no Tratado das ordens e simples dignidades (1610). Nele, ele divide a sociedade em três ordens ou estados, dividindo cada ordem em categorias ou classes, de acordo com a dignidade das pessoas e não segundo a economia, mesmo quase sempre os dois pontos iam juntos.

³ Coste I p.172- 21. Gobillon p. 51-52

⁴ Temos a sorte de ter a terceira conferência que São Vicente faz sobre o Regulamento, transcrita por Santa Luísa. É a primeira que o Padre Coste recolhe nas Obras de São Vicente.

⁵ Coste IX p. 77 - 90

⁶ Coisa curiosa: as Senhoras da Caridade e a Irmã mesma pedem a permissão a São Vicente para deixar a associação das Filhas da Caridade e entrar como religiosa conversa nas Beneditinas (Coste I p. 397).

Índice das matérias de 2009

ASSEMBLEIA GERAL DE 2009

• Introdução	maio-junho	154
Abertura da Assembleia		
• Alocução de abertura da Assembleia geral de 2009 Padre Grégory Gay, Superior geral	maio-junho	156
• A Companhia hoje Irmã Evelyne Franc, Superiora geral	maio-junho	161
Eleições		
• Eleição da Superiora geral, 1º de junho de 2009	maio-junho	84
• Eleição da Superiora geral: Homilia do Padre G. Gay, Superior geral	maio-junho	182

• Eleição das Conselheiras gerais e da Assistente geral.....	maio-junho	184
Em comunhão com a Igreja		
• Mensagem do Santo Padre à Mère Evelyne Franc Cardeal Tarcisio Bertone, Secretário de Estado do Vaticano.....	maio-junho	185
• Visita do Cardeal Franc Rodé, cm, prefeito da CIVCSVA Homilia da Eucaristia de 25 de maio de 2009.....	maio-junho	187
• Visita de Dom Gabor Pinter, representante de Dom Baldelli, Núncio Apostólico em França Homilia da Eucaristia de 28 de maio de 2009	maio-junho	192
• Visita do Cardeal André Vingt Trois, Arcebispo de Paris Homilia da Eucaristia de 9 de junho de 2009	maio-junho	84
Conferencistas		
• Profecia e esperança: Fundamentos bíblicos Padre Raniero Cantalamessa, ofmcap Casa Mãe, 20 de maio de 2009.....	maio-junho	202
• Profecia e esperança: aspecto vicentino Padre Jean-Pierre Renouard, cm Casa Mãe, 20 de maio de 2009	julho-agosto	234
• A colaboração Senhor Mario Giro, responsável pelas relações internacionais da Comunidade Sant’Egidio Casa Mãe, 27 de maio de 2009	julho-agosto	252
• Respostas às questões dos membros da Assembleia Senhor Mario Giro, responsável pelas relações internacionais da Comunidade Sant’Egidio	julho-agosto	265
• A colaboração na família vicentina: A “Caridades” e as Filhas da Caridade: dois carismas a serviço de um único objetivo Senhora Marina Costa, ex-presidente da AIC Casa Mãe, 27 de maio de 2009.....	julho-agosto	271
• O diálogo interreligioso Irmão Thierry-Marie Courau, op, Diretor do ISTR (Instituto das ciências e da teologia das religiões) Casa Mãe, 27 de maio de 2009	julho-agosto	281
• Respostas às questões dos membros da Assembleia Irmão Thierry-Marie Courau, op, Diretor do ISTR	julho-agosto	292
• O diálogo ecumênico Profecia e esperança: os desafios do diálogo ecumênico Padre Yves-Marie Blanchard, Professor na faculdade de teologia e das ciências religiosas, membro do grupo das Dombes Casa Mãe, 27 de maio de 2009.....	julho-agosto	298
• A Comunidade como sinal de profecia e de esperança Irmã Regina Bechtle, Irmã da Caridade de Nova York Casa Mãe, 3 de junho de 2009.....	set.-outubro	314
Homilia		
• A luz de Pentecostes (Eucaristia de 4 de junho de 2009) Padre Grégory Gay, Superior geral	julho-agosto	309
Encerramento da Assembleia		
• Conferência de Mère Evelyne Franc Casa Mãe, 13 de junho de 2009	maio-junho	222
• Eucaristia de encerramento Homilia do Padre Grégory Gay, Superior geral	maio-junho	227
Documento Interassembleias 2009-2015		
• “Deixemo-nos transformar pelo Espírito”, Fonte de profecia e de esperança Membros da Assembleia geral.....	set.-outubro	341

VIDA ESPIRITUAL

SUPERIORES GERAIS

Padre Grégory GAY

Cartas

• Conferência de 1º de janeiro de 2009 – Casa Mãe.....	jan.-fevereiro	5
• Quresma de 2009.....	jan.-fevereiro	20
• Conferência do 25 de março de 2009 – Casa Mãe.....	março-abril	84
• Alocução de abertura da Assembleia geral	maio-junho	156
• Eleição da Superiora geral: homilia da segunda feira de Pentecostes, 1º de junho de 2009	maio-junho	182
• A luz de Pentecostes - homilia da Eucaristia, 4 de junho de 2009.	julho-agosto	309
• Eucaristia de encerramento da Assembleia geral - homilia.....	maio-junho	227
• Advento de 2009.....	nov.-dezembro	396

Mère Evelyne FRANC

Cartas

• Carta de 1º janeiro de 2009.....	jan.-fevereiro	2
• Carta de 2 de fevereiro de 2009.....	jan.-fevereiro	8
• Carta de 14 de março de 2009.....	março-abril	82
• A Companhia hoje - Assembleia geral de 2009.....	maio-junho	161
• Conferência – encerramento da Assembleia geral de 2009.....	maio-junho	222
• Carta de 15 de agosto de 2009.....	set.-outubro	366
• Carta de 26 de setembro de 2009	set.-outubro	370
• Carta de 26 de novembro de 2009	nov.-dezembro	394

Visitas

• Visita do Quênia, 7 de novembro de 2008 As Irmãs do Quênia.....	jan.-fevereiro	41
• Província da China, 25 de novembro de 2008 Irmã Kathleen Grimley, correspondente dos Ecos	jan.-fevereiro	45
• Província do Vietnã, 11 de dezembro de 2008 Irmã Gonzague Tran Thi Kim Tu, correspondente dos Ecos.....	jan.-fevereiro	48
• Província do Equador, 16 de fevereiro de 2009 Irmã Maria Ines Arevalo Estrada, Filha da Caridade	março-abril	109
• Visita da Província da Eslovênia, 17 de julho de 2009 Irmã Cveta Jost, correspondente dos Ecos	nov.-dezembro	414
• Visita em Turquia, 17 de outubro de 2009 As Irmãs da Turquia	nov.-dezembro	416

Padre Javier ALVAREZ

Conferências

• Assembleia geral de 2009	jan.-fevereiro	25
• Retiro da Renovação: “-A mística vicentina-”.....	março-abril	89
• Documento final da Assembleia geral de 2009	set.-outubro	352

Pistas para o dia mensal de reflexão e de oração

• “É preciso nascer de novo” (Jo 3,7).....	jan.-fevereiro	34
• “Eterna é a fidelidade do Senhor” (Sl 116, 2).....	nov.-dezembro	402

Preparação do ano jubilar do 350º aniversário da morte dos Fundadores

• 2010! Dois aniversários Padre Javier Alvarez, Diretor geral	jan.-fevereiro	75
--	----------------	----

DESAFIOS ATUAIS

• Oficina artística do Centro de Hutt Street em Adelaide Província da Austrália, Ilhas Fidji e Cook Irmã Gwen Tamlyn, Filha da Caridade	jan.-fevereiro	38
• “Não precisamos de homens que construam muro, mas de construtores de pontes” Província da Áustria Irmã Roswitha Bauer, Filha da Caridade	março-abril	101
• A serviço de um dos escravos do terceiro milênio Província da Sardenha (Itália) Irmã Ignazia Miscali, correspondente dos Ecos	março-abril	105

ATUALIDADES DAS PROVÍNCIAS

DESIGNAÇÃO DAS VISITADORAS E NOMEAÇÃO DOS DIRETORES

Visitadoras

• Índia do Norte	set.-outubro	372
• Fortaleza	set.-outubro	372
• Bélgica	set.-outubro	372
• Sevilla	set.-outubro	372
• Nápoles	set.-outubro	372
• Sardenha	set.-outubro	372
• África do Norte.....	set.-outubro	373
• Rio de Janeiro	set.-outubro	373
• Paraguai	set.-outubro	373
• Japão	set.-outubro	373
• Varsóvia	set.-outubro	373
• Albânia, Nova York.....	nov.-dezembro	412
• Curitiba	nov.-dezembro	412
• França Norte	nov.-dezembro	412
• Cali (Colômbia).....	nov.-dezembro	412
• Cuba	nov.-dezembro	412
• Japão	nov.-dezembro	412
• Eslováquia	novdezembro	413
• São Sebastião.....	nov.-dezembro	413
• Filipinas	nov.-dezembro	413
• Peru	nov.-dezembro	413

Diretores

• Romênia.....	set.-outubro	373
• Oriente Médio.....	set.-outubro	373
• Cracóvia	set.-outubro	373
• Los Altos Hills	set.-outubro	373
• Madagascar	set.-outubro	373
• Cuba	set.-outubro	374
• Gijon	set.-outubro	374
• Sevilha.....	set.-outubro	374
• Madrid São Vicente	set.-outubro	374
• Amazônia.....	set.-outubro	374
• Bélgica.....	set.-outubro	374
• Eslováquia.....	set.-outubro	374
• Turim	set.-outubro	374
• Sardenha	set.-outubro	374
• São Luis (USA).....	nov.-dezembro	413
• África do Norte.....	nov.-dezembro	413
• Santo Domingo.....	nov.-dezembro	413
• Bolívia	nov.-dezembro	413
• Colônia	nov.-dezembro	413

VISITAS DOS SUPERIORES

• Mère Evelyne Franc e Irmã Margaret Barrett, Assistente geral: Visita do Quênia, 7 de novembro de 2008 As Irmãs do Quênia	jan.-fevereiro	41
• Mère Evelyne Franc e Irmã Julma Neo, Conselheira geral: Visita da Província da China, 25 de novembro de 2008 Irmã Kathleen Grimley, correspondente dos Ecos	jan.-fevereiro	45
• Mère Evelyne Franc e Irmã Julma Neo, Conselheira geral: Visita da Província do Vietnã, 11 de dezembro de 2008 Irmã Gonzague Tran Thi Kim Tu, correspondente dos Echos	jan.-fevereiro	48
• Mère Evelyne Franc e Irmã Blanca Libia Tamayo, Conselheira Geral: Visita da Província do Equador, 16 de fevereiro de 2009 Irmã Maria Ines Arevalo Estrada, Filha da Caridade	março-abril	109
• Mère Evelyne Franc e Irmã Zofia Daniscakova, Conselheira geral: Visita da Província da Eslovênia por ocasião do 90º aniversário da Província, 17-19 de julho de 2009 Irmã Cveta Jost	nov.-dezembro	414
• Mère Evelyne Franc e Irmã Françoise Petit, Conselheira geral: Visita em Turquia (Província de Suíça e da Áustria) 17-18 de outubro de 2009 As Irmãs da Turquia	nov.-dezembro	416

VIDA DAS PROVÍNCIAS

ÁFRICA

África do Norte		
• Designação da Visitadora	set.-outubro	373
• Nomeação do Diretor Provincial	nov.-dezembro	413
Madagascar		
• Nomeação do Diretor Provincial	set.-outubro	373
AMÉRICA DU NORTE		
Albânia, Nova York		
• Designação da Visitadora	nov.-dezembro	412
Los Altos Hill		
• Renomeação do Diretor Provincial	set.-outubro	373
São Luís		
• Renomeação do Diretor Provincial	nov.-dezembro	413
AMÉRICA LATINA		
Bolívia		
• Nomeação do Diretor Provincial	nov.-dezembro	413
Brasil		
Amazônia		
• Nomeação do Diretor provincial	set.-outubro	374
Curitiba		
• Designação da Visitadora por mais três anos	nov.-dezembro	412
Fortaleza		
• Designação da Visitadora	set.-outubro	372
Rio de Janeiro		
• Designação da Visitadora por mais três anos.....	set.-outubro	373
Colômbia		
Bogotá		
• Jubileu da Província (1959 – 2009) Irmã Genoveva Nieto Guerrero, Filha da Caridade	set.-outubro	375
Cali		
• Designação da Visitadora por mais três anos	nov.-dezembro	412
Cuba		
• Após a passagem do ciclone Ike em Cuba, os pobres nos evangelizaram. Irmã Maria Lazara Fernandez, correspondente dos Ecos	jan.-fevereiro	53
• Renomeação do Diretor provincial	set.-outubro	374
• Designação da Visitadora	nov.-dezembro	412
Equador		
• Visita de Mère Evelyne Franc e Irmã Blanca Libia Tamayo, Conselheira geral, 16 de fevereiro de 2009 Irmã Maria Ines Arevalo Estrada, Filha da Caridade	março-abril	109
Paraguai		
• Designação da Visitadora por mais três anos	set.-outubro	373
Peru		
• Designação da Visitadora	nov.-dezembro	413
Santo Domingo		
• Nomeação do Diretor Provincial	nov.-dezembro	413
ÁSIA		
China		
• Visita de Mère Evelyne Franc e Irmã Julma Neo, Conselheira geral, 25 de novembro de 2008 Irmã Kathleen Grimley, correspondente dos Ecos	jan.-fevereiro	45

Índia do Norte		
• Designação da Visitadora	set.-outubro	372
• A casa Santa Catarina a Raikia, em meio as revoluções de Kandhamal		
Irmãs da Província	nov.-dezembro	420
Japão		
• Designação por mais três anos da Visitadora	set.-outubro	373
• Designação da Visitadora	nov.-dezembro	412
Filipinas		
• Designação da Visitadora por mais três anos	nov.-dezembro	413
Oriente Médio		
• Nomeação do Diretor provincial	set.-outubro	373
Vietnã		
• Visita de Mère Evelyne Franc e Irmã Julma Neo, Conselheira geral, dezembro de 2008		
Irmã Gonzague Tran Thi Kim Tu, correspondente dos Ecos	jan.-fevereiro	48
EUROPA		
Áustria		
• “Não precisamos de homens que construam muros, mas de construtores de pontes”		
Irmã Roswitha Bauer, Filha da Caridade	março-abril	101
Bélgica		
• Designação da Visitadora	set.-outubro	372
• Renomeação do Diretor provincial por três anos e renomeação do Subdiretor provincial por três anos	set.-outubro	374
Colônia		
• Renomeação do Diretor Provincial	nov.-dezembro	413
Espanha		
Gijon		
• Renomeação do Diretor provincial por três anos	set.-outubro	374
Madrid São Vicente		
• Nomeação do Diretor provincial	set.-outubro	374
São Sebastião		
• Designação da Visitadora	nov.-dezembro	413
Sevilha		
• Designação anos da Visitadora por mais três anos	set.-outubro	372
• Nomeação do Diretor provincial por três anos	set.-outubro	374
França		
França Norte		
• “Alarga o espaço da tua tenda”		
Irmãs Marie-Renée Cambourieu e Marie-Renée Lelièvre, Filha da Caridade	março-abril	113
• Designação da Visitadora	nov.-dezembro	412
Hungria		
• Uma Filha da Caridade, Irmã Romana, defensora da educação musical		
Irmã Mary Alice Hein, Professora emérito da Universidade do Santo Nome.....	março-abril	115
Irlanda		
• Visita de Mère Evelyne Franc e de Irmã Margaret Barrett, Assistente geral ao Quênia, 7 de novembro de 2008		
As Irmãs do Quênia	jan.-fevereiro	41
Itália		
Províncias da Itália		
• SOS da terra de Abruzzes, a Família Vicentina responde		

Irmã Maddalena Castrica, Filha da Caridade	nov.-dezembro	424
Nápoles		
• Designação da Visitadora	set.-outubro	372
• Por ocasião da morte de Irmã Vittoria Camiolo (Notícias breves).	nov.-dezembro	432
Sardenha		
• A serviço de um dos escravos do terceiro milênio Irmã Ignazia Miscali, correspondente dos Ecos	março-abril	101
• Designação da Visitadora por mais três anos	set.-outubro	372
• Nomeação do Diretor provincial	set.-outubro	374
Turim		
• Nomeação do Diretor provincial	set.-outubro	374
Polônia		
Cracóvia		
• Renomeação do Diretor provincial por três anos	set.-outubro	373
Varsóvia		
• Designação da Visitadora por mais três anos	set.-outubro	373
Quase Província		
• Encontro internacional da Associação da Medalha Milagrosa, Casa Mãe, 15-20 de novembro de 2009 Padre Enrique Rivas, cm, Subdiretor internacional da AAM.....	nov.-dezembro	429
Eslováquia		
• Nomeação do Diretor Provincial	set.-outubro	374
• Designação da Visitadora por mais três anos	nov.-dezembro	413
Eslovênia		
• Por ocasião do 90º aniversário da Província Visita de Mère Evelyne Franc e de Irmã Zofia Daniscakova, Conselheira geral, 17 de julho de 2009 Irmã Cveta Jost, correspondente dos Ecos	nov.-dezembro	414
Suíça Turca		
• O testemunho de obediência de Irmã Joséphine As Irmãs do hospital da Paz (Istanbul).....	jan.-fevereiro	51
• Por ocasião do 170º aniversário de presença das Filhas da Caridade na Turquia, visita de Mère Evelyne Franc e de Irmã Françoise Petit, Conselheira geral, 17 de outubro de 2009 As Irmãs da Turquia	nov.-dezembro	416
Região da Albânia		
• Por ocasião da visita do Diretor geral (Notícias breves)	nov.-dezembro	432
OCEANIA		
Austrália, Ilhas Fidji e Cook		
Austrália		
• A oficina artística do Centro de Hutt Street em Adelaide Irmã Gwen Tamlyn, Filha da Caridade	jan.-fevereiro	38
HISTÓRIA DA COMPANHIA		
Preparação do ano jubilar do 350º aniversário da morte dos Fundadores		
• 2010! Dois aniversários Padre Javier Alvarez, Diretor geral	jan.-fevereiro	75
• Duas vidas diferentes e paralelas, um mesmo destino Padre Benito Martinez, cm	março-abril	142
• Santa Luísa de Marillac Prefácio Irmã Claire Herrmann, Serviço dos Arquivos	jan.-fevereiro	77
• Santa Luísa de Marillac I – Testemunhas falam e agem Irmã Claire Herrmann, Serviço dos Arquivos	março-abril	127

- Santa Luísa de Marillac
II – Século XX: História, memória, meditação
Irmã Claire Herrmann, Serviço dos Arquivos set.-outubro 378
- Santa Luísa de Marillac
III – Século XX: História, memória, meditação
Irmã Claire Herrmann, Serviço dos Arquivos nov.-dezembro 433
- Influência mútua de Vicente e de Luísa na fundação
da Companhia das Filhas da Caridade
Padre Benito Martinez, cm nov.-dezembro 442

No tempo de São Vicente... e Hoje

- A Comunidade dos doze
Padre Jean Morin, cm jan.-fevereiro 55
- O Pobre segundo São Vicente
Padre Jean Morin, cm março-abril 117

Pequena meditação para o 15 de agosto

- Martin Luther..... julho-agosto 312